



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CAMPUS - I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**EUSILENE MARIA RAFAEL**

**A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DE MONTEIRO COMO “CIDADE DE  
CULTURA”: IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL.**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2011**

EUSILENE MARIA RAFAEL

**A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DE MONTEIRO COMO “CIDADE DE CULTURA”: IDENTIDADE E PATRIMÔNIO CULTURAL.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Lindaci Gomes de Souza

CAMPINA GRANDE - PB

2011

R136r

Rafael, Eusilene Maria

A Representação midiática de Monteiro como “cidade de cultura”  
[manuscrito]: identidade e patrimônio cultural /Eusilene Maria Rafael.  
– 2011.

70 f.: il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). –  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra.. Maria Lindaci Gomes de Souza,  
Departamento de História”.

1. Mídia local 2. Monteiro-Pb 3. Patrimônio Cultura. I. Título.

21. ed. CDD 659

EUSILENE MARIA RAFAEL

**A REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA DE MONTEIRO COMO “CIDADE DE  
CULTURA”: IDENTIDADE E PATRIMÓNIO CULTURAL.**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba –  
UEPB em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de graduado.

Aprovada em: 16/06/2011

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lindaci Gomes de Souza  
Orientadora

  
Prof. MS Matusalém Alves Oliveira  
1.<sup>o</sup> Examinador

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
2.<sup>o</sup> Examinadora

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que lutaram e lutam pela preservação do patrimônio cultural da cidade de Monteiro – PB.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a meu querido e amado amigo, namorado, noivo e esposo Eliomar de Souza, que conseguiu passar por todas essas fases da minha vida, da amizade ao casamento, aguentando todos os meus momentos de estresse (os quais não foram poucos) durante os últimos três anos de estudo e da execução da pesquisa até a elaboração dessa monografia. Agradeço todos os dias por ter encontrado uma pessoa tão paciente e carinhosa.

Agradeço aos meus pais Maria Ernesto Rafael e Martins José Luis, que em suas simplicidades souberam me passar valores capazes de tornar digno qualquer ser humano, valores estes que fazem o que sou e me dão força para seguir em frente. Agradeço a minha avó materna Hilda Inês que sempre me ajudou em tudo, principalmente no que se referisse aos meus estudos.

Agradeço aos meus irmãos Edmar e Eliane que sempre que podiam, (e até mesmo quando não podiam) me ajudavam com outras tarefas para que sobrasse mais tempo para eu que eu pudesse estudar.

Agradeço aos meus colegas de trabalho César, Socorro e Angelucia que tantas vezes entenderam minha ausência durante estes anos de estudo.

No espaço acadêmico agradeço aos professores do Curso de História. Agradeço em especial a minha orientadora a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lindaci Gomes de Souza, por ter me ajudado na elaboração e conclusão deste trabalho, a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Cristina de Aragão Araújo e ao Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira, pela disponibilidade de ambos em compor esta banca examinadora.

Finalmente gostaria de agradecer a todos os meus colegas de sala, do Curso de História da turma 2006.1, e as amigas sinceras que durante o período de estudo se formaram. E por último gostaria de agradecer a todos os entrevistados que contribuíram para a realização deste trabalho. A todos meus agradecimentos.

## RESUMO

O presente trabalho analisa os aspectos relacionados a emergência da cidade de Monteiro – PB na mídia local, no período de 1998 a 2011. Interessa-nos compreender de que forma se deu a emergência da cidade na mídia e a relação com o seu patrimônio cultural, desde sua primeira aparição em notícias relacionadas a cura da água magnesiana até os atuais Festivais de Cultura e do São João. O estudo visa perceber como o patrimônio da cidade foi sendo utilizado para que este despertasse o interesse da mídia local em relação a cidade. Dessa forma, analisamos o patrimônio cultural de Monteiro a partir da concepção Certeuniana, onde os indivíduos inventam novos usos para um lugar dotado de imposições, criando espaços adaptados a suas necessidades. Do ponto de vista metodológico, o estudo foi estruturado a partir das leituras relacionadas a evolução do conceito de patrimônio e nas técnicas de História Oral, remetendo-se muitas vezes a histórias de vidas e a memória, a fim de, através destes relatos obtermos respostas a cerca da visibilidade da cidade e do seu patrimônio cultural na mídia local.

**Palavras-chave:** Monteiro-Pb; mídia local; patrimônio cultural.

## ABSTRACT

This paper examines the issues relating to emergency city Monteiro - PB in the local media in the period 1998 to 2011. We are interested in understanding how the emergency occurred in the media and the city's relationship with its cultural heritage, from its first appearance in news related to water cure magnesian to the current Festival of Culture and the St. John. The study aims to understand as the city property was being used for this aroused the interest of local media over the city. Thus, we analyzed the cultural heritage of Monteiro from the design Certeuniana, where individuals invent new uses for a place endowed with taxes, creating spaces tailored to their needs. From the methodological point of view, the study was structured from the readings related to the evolution of the concept of heritage and techniques of oral history, and reference is often the life histories and memory, in order, through these reports to obtain answers about the visibility of the city and its cultural heritage in the local media.

**Keywords:** Monteiro-Pb; local media; cultural heritage.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1:</b> A Serra do Peru .....	23
<b>Imagem 2:</b> Serra do Peru 2 .....	23
<b>Imagem 3:</b> Edifício do Centro Histórico da Cidade .....	25
<b>Imagem 4:</b> Edifício do Centro Histórico da Cidade 2 .....	25
<b>Imagem 5:</b> Edifício do Centro Histórico da Cidade 3 .....	25
<b>Imagem 6:</b> Edifício do Centro Histórico da Cidade 4 .....	25
<b>Imagem 7:</b> Edifício dos Correios.....	26
<b>Imagem 8:</b> Edifício Sede da Prefeitura Municipal .....	26
<b>Imagem 9:</b> Casarios antigos .....	27
<b>Imagem 10:</b> Casarios antigos.....	27
<b>Imagem 11:</b> Ivan do Coco .....	31
<b>Imagem 12:</b> Coco de Roda Quitéria Norberto.....	31
<b>Imagem 13:</b> Mestre Zé Preto .....	32
<b>Imagem 14:</b> Mazurca Santa Catarina .....	32
<b>Imagem 15:</b> Zabé da Loca .....	33
<b>Imagem 16:</b> A Loca .....	33
<b>Imagem 17:</b> Arraial Zé Marcolino.....	41
<b>Imagem 18:</b> Poço de Água Magnesiana .....	41
<b>Imagem 19:</b> Maquete do Parque das Águas .....	41
<b>Imagem 20:</b> Maquete da Fonte de Água Magnesiana .....	41
<b>Imagem 21:</b> Construção do Grande Hotel .....	42
<b>Imagem 22:</b> Grande Hotel concluído .....	42
<b>Imagem 23:</b> Grande Hotel .....	43
<b>Imagem 24:</b> Poço de água magnesiana.....	43
<b>Imagem 25:</b> Cartaz São João 2007 .....	47
<b>Imagem 26:</b> Cartaz São João 2010 .....	47
<b>Imagem 27:</b> Zabé da Loca .....	49
<b>Imagem 28:</b> Coco de Roda .....	49
<b>Imagem 29:</b> Mazurca.....	50
<b>Imagem 30:</b> Banda de Pífano .....	50
<b>Imagem 31:</b> Slogan “Monteiro cidade de cultura” .....	51

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 32:</b> Slogan “Monteiro cidade que encanta em prosa e verso” .....	51
<b>Imagem 33:</b> Folder .....	53
<b>Imagem 34:</b> Folder .....	53
<b>Imagem 35:</b> Folder .....	54
<b>Imagem 36:</b> Folder .....	54

## GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Acesso dos entrevistados aos veículos midiáticos .....	56
<b>Gráfico 2:</b> Acompanhamento dos entrevistados as notícias a cerca da cidade de Monteiro... 57	57
<b>Gráfico 3:</b> informação sobre a visibilidade da cidade na mídia .....	57
<b>Gráfico 4:</b> valorização da cultura monteirense .....	58
<b>Gráfico 5:</b> definição do monteirense a cerca da valorização da cultura da cidade.....	58
<b>Gráfico 6:</b> Componentes da cultura monteirense .....	59

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO II: Patrimônio cultural: um conceito nômade .....</b>	<b>13</b>
2.1. Patrimônio cultura: tecendo o diálogo entre o saber e o fazer de um povo.....	16
2.2. O reconhecimento e a normatização do patrimônio cultural no Brasil.....	17
2.3. Patrimônio cultural em Monteiro – PB: diversidade cultural. ....	21
<b>CAPÍTULO III: Monteiro na mídia local: uma cidade de cultura.....</b>	<b>34</b>
3.1. Entre o local e o global: a mídia como instrumento responsável pela difusão de costumes e tradições da cultura popular. ....	35
3.2. História oral: um diálogo possível. ....	37
3.3. Entre o tangível e o intangível: visibilidade da cultura patrimonial de Monteiro na mídia local. ....	39
3.3.1. A água magnesiana e o Grande Hotel como elementos propulsores para desencadear o potencial turístico da cidade de Monteiro.....	39
3.3.2. O São João de Monteiro: memória e tradição. ....	44
3.3.3. A criação da Secretaria de Cultura de Monteiro como forma de incentivar e legitimar a cultura da cidade. ....	48
3.4. O monteirense e o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural da cidade .....	55
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>FONTES ORAIS .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>66</b>

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.

A idealização e realização desse trabalho têm como objetivo discorrer a cerca da emergência da cidade de Monteiro como cidade de cultura e capital do cariri paraibano na mídia local entre os anos 1998 e o atual ano de 2011. Interessa-nos compreender a trajetória das transformações relacionadas a cultura local, que constitui o patrimônio cultural da cidade, afim de obtermos respostas a cerca das influências deste na consolidação e aceitação de uma “Monteiro de cultura.”

A escolha deste objeto de análise justifica-se, inicialmente pela curiosidade de um fato em particular, o fato de a população monteirense, ser conhecida pelas demais cidades circunvizinhas como sendo uma população que valoriza sua cultura e suas tradições. Ao mesmo tempo que é conhecida por valorizar tais elementos, a população se auto-reconhece, como um povo que dá muito mais valor as coisas da sua terra do que as de outras localidades. Fato este que é visto pelos demais caririzeiros como certa vaidade, já que estes, diferentemente dos monteirenses, costumam priorizar festas e eventos em outras localidades que em suas próprias cidades.

O segundo motivo que nos despertou o interesse neste objeto de estudo foi o constante desta que a cidade vem ganhando na mídia local, e até mesmo nacional, em revistas, televisão e principalmente na internet, com relação ao seu patrimônio cultural.

Um outro aspecto que nos chamou a atenção para a realização deste trabalho foi a observação de que, apesar de todo esse destaque que o patrimônio cultural monteirense vem adquirindo na mídia, estudos que contemplem este tema são praticamente inexistentes. Partindo deste pressuposto, nossa intenção sustenta-se ainda, na observação que, por outro lado, há um grande destaque no enfoque político e comercial nas produções acadêmicas e literárias que versam sobre a história da cidade.

Para a realização deste trabalho, além da pesquisa bibliográfica de autores que versam sobre o tema, foram utilizadas leis federais, como a própria constituição, pesquisas em sites, revistas e panfletos que tratam de temas relacionados ao patrimônio cultural da cidade de Monteiro. Sendo utilizadas ainda análises iconográficas de fotografias antigas e atuais e o método da história oral sob a forma de entrevistas temáticas e análise de depoimentos.

A partir das análises das fontes pesquisadas o trabalho foi subdividido em duas partes. Na primeira parte buscou-se uma contextualização sobre o termo patrimônio cultural e sua trajetória no mundo e no Brasil, a fim de ligarmos a questão do patrimônio ao espaço monteirense, já que este se destaca como principal fator da emergência da cidade como uma

cidade de cultura na mídia local.

Nesta parte do trabalho, se fez necessário conhecer um pouco do patrimônio cultural monteirense, o qual contempla o tangível e o intangível. Para tal foram selecionados na cidade, alguns dos representantes de cada categoria patrimonial, desde o patrimônio natural, passando pelo arqueológico, o arquitetônico, até chegarmos ao patrimônio imaterial.

Sabemos que é através do patrimônio cultural de um povo e de sua preservação, que conhecemos a identidade cultural de um povo, suas singularidades e particularidades. Ao mesmo tempo, que diferenciamos um povo de outro, através do seu patrimônio cultural, é através deste mesmo patrimônio que se vê a possibilidade de união entre estes diferentes povos, pois é através do intercâmbio e do conhecimento destas diferentes manifestações, valores e da história destas diferenças, que se constituem culturas patrimoniais únicas, as quais despertam o interesse do outro em relação ao diferente. Desta maneira, o patrimônio ao mesmo tempo em que delimita uma idéia de particularidade cultural de um povo, cria laços através das várias culturas que podem ser mostradas e conhecidas devido a curiosidade e ao interesse que nestas pode ser despertado.

Na segunda parte, a pesquisa visa perceber a como se dá a representação da cidade de Monteiro na mídia local como uma cidade de cultura desde o seu primeiro destaque a nível nacional com a descoberta da então água magnesiana e suas propriedades medicinais, que atraía visitantes em busca da cura, até seus atuais movimentos culturais que constituem o patrimônio cultural da cidade e que lhe conferem destaque nos veículos midiáticos.

Neste ponto poderemos acompanhar, o processo pelo qual a cidade passou até atingir o auge do status cultural, que vem se consolidando desde o ano de 1998, com o tradicional São João da cidade.

Nesta última parte da pesquisa, foi utilizada, principalmente a técnica da história oral através da coleta de depoimentos e experiências de vida dos principais envolvidos com o patrimônio cultural local. Esta escolha foi feita com o intuito de obtermos subsídios que fundamentassem a essa história de uma “Monteiro de cultura”.

Dessa forma, analisamos o patrimônio cultural de Monteiro a partir da concepção *Certeauiana*, onde os indivíduos inventam novos usos para um lugar dotado de imposições, criando espaços adaptados a suas necessidades. Sendo assim, nos disponibilizamos a buscar as *táticas* que levaram a cidade de Monteiro a ganhar destaque na mídia como sendo uma cidade de cultura e como o seu patrimônio cultural foi diretamente ligado a esse destaque que a cidade vem ganhando na mídia.

## CAPÍTULO II: Patrimônio Cultural: um conceito nômade.

Segundo o Ministério Público Federal:

Denomina-se patrimônio cultural o conjunto de bens, materiais ou imateriais, que traduzem a história, a formação e a cultura de um povo, uma comunidade ou um país. Isso abrange os seguintes temas:

- bens móveis e imóveis, tomados isoladamente;
- conjuntos arquitetônicos, urbanísticos, históricos e paisagísticos;
- paisagens culturais que revelem uma combinação da ação do homem com a natureza;
- paisagens concebidas intencionalmente, como jardins e parques;
- paisagem que apresente provas de sua evolução ao longo do tempo;
- paisagem associada a fenômenos religiosos/simbólicos;
- patrimônio documental ou arquivístico;
- patrimônio cultural imaterial (formas de expressão, modos de criar, fazer e viver);
- patrimônios paleontológico (fósseis) e espeleológico (grutas e cavernas);
- sítios arqueológicos;
- áreas vizinhas a bens culturais.<sup>1</sup>

Sabemos que nos últimos anos o conceito de patrimônio cultural vem ganhando um significativo peso no mundo ocidental. Passando este a abranger desde bens materiais a imateriais, ou como alguns preferem tangíveis e intangíveis, que compreendem desde edificações, festas, costumes, objetos de arte, lugares e até mesmo pessoas.

Mas antes de destacarmos os diversos campos que hoje o termo patrimônio abrange, gostaríamos de falar como esse conceito foi se ampliando.

Em seu sentido mais primitivo, a palavra patrimônio origina-se do termo grego *pater* (pai, paterno). Sendo assim segundo Abreu (2009), patrimônio foi relacionado a tudo aquilo que era deixado pelo pai e transmitido aos filhos, o que acabou se relacionando com a idéia de herança paterna. Como nos explica a autora a seguir:

A noção de patrimônio traz em seu bojo a idéia de propriedade. Etimologicamente, traduz a concepção de herança paterna. No sentido jurídico, refere-se a um complexo de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo o mais que pertença a uma pessoa ou empresa e seja suscetível de apreciação econômica. (ABREU, 2009, p. 34-35)

Até o século XVIII, a noção de patrimônio no sentido de preservação que temos hoje, relacionava-se ao então chamado monumento histórico. A idéia de monumento histórico do Renascimento se reportava aos edifícios da Antiguidade Clássica, os quais eram vistos não

<sup>1</sup> Página on-line do Ministério Público Federal. Disponível em:< [http://www.pgr.mpf.gov.br/conheca-o-mpf/publicacoes/folheteria-tematica/09\\_web\\_folheteria\\_patrimonio\\_cultural\\_101.pdf](http://www.pgr.mpf.gov.br/conheca-o-mpf/publicacoes/folheteria-tematica/09_web_folheteria_patrimonio_cultural_101.pdf)>. Acesso em 18 de dez. 2010.

como uma arte que se queria preservar, mas sim documentar, com o intuito de estudar e conhecer a arte e a arquitetura greco-romana, ficando este conhecimento restritos aos museus e antiquários, como pode ser observado no fragmento a baixo:

Pouco a pouco, as antiguidades adquirem uma nova coerência visual e semântica, confirmada pelo trabalho epistêmico do século XVIII iluminista e pelo seu projeto de democratização do saber. O museu, que recebe seu nome mais ou menos ao mesmo tempo que o monumento histórico, institucionaliza a conservação material das pinturas, esculturas e objetos de arte antigos e prepara o caminho para a conservação dos monumentos da arquitetura.

Entre a segunda metade do século XVI e o segundo quartel do século XIX, as antiguidades são objeto de um imenso esforço de conceituação e de inventário. Um aparato iconográfico auxilia esse trabalho e facilita sua memorização. Um *corpus* de edifícios, conservados apenas pelo poder da imagem e do texto, é assim reunido num museu de papel. (CHOAY, 2001, p. 62)

É no período pós-Revolução Francesa, que o termo patrimônio nacional consolida-se e passa a ser utilizado como instrumento político com o objetivo de unir social e culturalmente os vários grupos divergentes numa só identidade, a identidade francesa.

Com a Revolução Francesa, a idéia de patrimônio isolada e restrita a um determinado grupo, dar lugar a uma nova concepção e desenvolve-se a idéia de patrimônio como um bem coletivo associado ao sentimento nacional. O período pós-revolução criou a necessidade de se reinventar símbolos que fomentassem o fervor patriótico a ponto de a população se reconhecer em seus monumentos. A necessidade de salvaguardar um passado que despertasse o espírito de nação numa população recém saída de uma revolução, insurgiu na preservação de bens coletivos que pudessem irradiar esse sentimento na população francesa, o que acabou criando a concepção de patrimônio nacional. Como nos mostra Sant' Anna (2009):

Sob a Revolução Francesa, o conceito de patrimônio nacional irrompeu para responder à urgência de salvar da rapinagem e da destruição os imóveis e as obras de arte, antes pertencentes ao clero e a nobreza, que foram transformados em propriedades do Estado. (SANT'ANNA, 2009, p. 50)

Durante o século XIX, foram criados nos países europeus estruturas de poder responsáveis pela seleção, conservação e preservação de seus patrimônios nacionais. Até então esse tipo de patrimônio era composto apenas por objetos de arte e edificações ligados aos ideais de beleza renascentistas.

Durante muito tempo o termo patrimônio foi relacionado unicamente a bens materiais. Só com o final da Segunda Guerra Mundial, é que o termo começou a ser ligado a práticas culturais. Essa mudança se deu inspirada nos ideais de preservação de países orientais e de



Terceiro Mundo, que viam nas pessoas e em suas práticas e costumes, muito mais importância do que em suas construções, como nos mostra Sant'Anna (2009):

[...] Nesses países, em suma, mais relevante do que conservar um objeto como testemunho de um processo histórico e cultural passado é preservar e transmitir o saber que o produz, permitindo a vivência da tradição no presente. De acordo com essa concepção, as pessoas que detêm o conhecimento preservam e transmitem as tradições, tornando-se mais importantes do que as coisas que as corporificam. (IDEM, 2009, p. 52)

A partir da década de 1970, começa a haver uma preocupação dos países ocidentais com as chamadas manifestações populares. Essa preocupação se dá principalmente após as reivindicações dos países de Terceiro Mundo, que através da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Unesco de 1972, passam a exigir instrumentos capazes de salvaguardarem suas tradições populares como um importante aspecto do patrimônio cultural da humanidade. Como consequência desse momento, foi criada a Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, de 1989, documento este que, até agora, passou a ditar as normas de preservação do patrimônio que hoje conhecemos como patrimônio cultural imaterial ou intangível. A partir desse momento é que começaria a haver uma preocupação de fato, não só com os bens materiais, o chamado patrimônio de pedra e cal, como também com os bens imateriais que formam a cultura tradicional e popular, que passam a integrar o patrimônio imaterial.

É importante frisarmos ainda como fator determinante no surgimento de novas categorias de bens considerados patrimônio, as mudanças ocorridas durante o século XX no que se refere ao entendimento de história e cultura, principalmente no que diz respeito aos anos 60 e 70, período da chamada crise dos paradigmas pela qual a História passava. Nesse período segundo Pesavento (2005), a História perdera seu lugar de destaque entre as ciências sociais e precisava de novas tendências de abordagem para desvendar e explicar o passado. Para tal, como nos mostra a autora:

Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrantes da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. (PESAVENTO, 2005, p. 14).

As mudanças ocorridas nas décadas de 60 e 70 nas concepções de História e cultura influenciaram diretamente no que viria a se constituir bem patrimonial.

A cultura, que passa a ser evidenciada pela História, não mais é apenas a do grupo dominante, da chamada classe elitizada, que colocava suas práticas culturais em destaque com o objetivo de que estas fossem vistas como oficiais. Nessa nova perspectiva, a história além de analisar as manifestações da classe dominante, também passa a enfatizar as expressões das chamadas classes populares ou das massas anônimas. De acordo com esse novo pressuposto podemos ver a definição de cultura definida por Burker (1989):

[...] hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. Em outras palavras, a história da cultura inclui agora a história das ações ou noções subjacentes à vida cotidiana. (BURKER, 1989, p. 21).

Sobre estas mudanças no entendimento de história e de cultura nas décadas finais do século XX, que contribuíram para uma maior abrangência dos bens considerados patrimônio, podemos observar ainda o fragmento abaixo, retirado da revista Brasileira de História:

Também se constatou nesse tempo um outro entendimento de história que centra seu interesse antropológico no homem e em sua existência, e assim busca contemplar todos os atores sociais e todos os campos nos quais se expressa a atividade humana. Tal compreensão implicou a valorização dos aspectos nos quais se plasma a cultura de um povo: as línguas, os instrumentos de comunicação, as relações sociais, os ritos, as cerimônias, os comportamentos coletivos, os sistemas de valores e crenças que passaram a ser vistos como referências culturais dos grupos humanos, signos que definem as culturas e que necessitavam salvaguarda.

Esses novos entendimentos levaram à reformulação do conceito de patrimônio. O valor cultural, a dimensão simbólica que envolve a produção e a reprodução das culturas, expressas nos modos de uso dos bens, foi incorporado à definição do patrimônio. A alteração também se deu em face da constatação de que os signos das identidades de um povo não podem ser definidos tendo como referência apenas as culturas ocidentais, assim como a cultura campestre não pode ser vista como menor diante das atividades industriais. (ZANIRATO e RIBEIRO, 2006).

## **2.1. Patrimônio cultural: tecendo o diálogo entre o saber e o fazer de um povo.**

Antes, se ao falar de patrimônio histórico, logo era remetido o termo a monumentos e edificações, hoje ao falar-se em patrimônio cultural, a expressão é remetida a um leque de possibilidades que vão desde edificações, objetos, lugares, costumes, festas e até pessoas. Podemos dizer que o patrimônio cultural engloba desde o histórico ao natural, o artístico e o científico. Ou em outras palavras tudo o que constitui os bens culturais da humanidade, como destaca Godoy (1985), seria, “[...] toda produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que

propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia”.

Segundo Lemos (2004), foi Hugues de Varine-Boham, professor francês e assessor técnico internacional da Organização das Nações Unidas para educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), quem primeiro trabalhou a problemática do patrimônio de forma mais abrangente. De acordo com o professor francês o patrimônio cultural pode ser dividido em três grandes categorias. A primeira categoria engloba os elementos pertencentes à natureza ou ao meio ambiente, ou seja, os recursos naturais. Nesta categoria estão os rios, e tudo o que retiramos dele como a água, os peixes, a força motriz gerada por suas cachoeiras e corredeiras, as árvores, seus frutos e sua madeira, os animais e tudo que possamos tirar deles. (grifo nosso).

A segunda categoria de bens culturais trata dos elementos intangíveis, englobando o conhecimento e as técnicas de fazer dispostas pelo homem em seu habitat, que vão desde táticas primitivas de caça a elucidações de problemas nos mais modernos computadores.

A terceira categoria de bens culturais seria a mais importante de todas, pois ao juntar as outras duas categorias, o meio ambiente e o saber fazer, essa última categoria seria responsável por reunir os bens culturais propriamente ditos como as construções, artefatos, obras, objetos, e tantos outros. Alargando-se assim o conceito de patrimônio como nos é mostrado por Ricardo Oriá (2006):

Por sua vez. O conceito de patrimônio histórico não está mais restrito ao dito “patrimônio edificado” - a chamada dimensão “pedra e cal” - , constituído de bens imóveis, representados pelos edifícios e monumentos. Ao falarmos em patrimônio histórico, entenda-se não apenas o patrimônio arquitetônico, mas também o patrimônio documental e arquivístico, bibliográfico, hemerográfico, iconográfico, oral, visual, museológico, enfim o conjunto de bens que atestam a história de uma dada sociedade.( ORIÁ, 2006, p. 133)

Sendo assim o patrimônio cultural esta diretamente ligado as origens que fundam cada sociedade e que constituem sua história e fortalecem sua identidade. Por tanto, o termo patrimônio passa enfim a englobar não só coisas corpóreas e monumentais, como também, ensinamentos e práticas como o simples ato de preparar um alimento, cantar e dançar ou o ofício de produzir com as próprias mãos uma peça de cerâmica tornaram-se bens constituintes desse patrimônio, tanto quanto qualquer outro.

## **2.2. O reconhecimento e a normatização do Patrimônio Cultural no Brasil.**

No Brasil, a criação de um órgão que regesse e cuidasse do patrimônio cultural do país se deu por volta dos anos 20. Este órgão foi denominado IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – seu principal objetivo passou a ser a organização e salvaguarda das manifestações culturais do país. Segundo o IPHAN (2005), patrimônio histórico é: “[...] conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.” (IPHAN, 2005).

Sendo assim, como nos mostra Barreto (2000), o conceito de patrimônio cultural torna-se bastante abrangente, incluindo não apenas "os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos" (BARRETTO, 2000, p. 11).

O reconhecimento e a preocupação com as expressões populares como parte fundamental da constituição da identidade cultural nacional no Brasil remonta aos anos 30. O registro dessas manifestações encontrava-se no anteprojeto de 1936, do poeta modernista Mário de Andrade, para o então Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. Sua ideia de patrimônio pode ser observada nas palavras de Sant'Anna (2009):

[...] ao lado das jazidas funerárias, dos sambaquis, das cidades lacustres, dos mocambos, da arquitetura popular, estavam no rol patrimonial de Mário de Andrade os vocábulos, os cantos, as lendas, a medicina e a culinária indígena, a música, os contos, os provérbios, os ditos e outras manifestações e outras manifestações da cultura popular. (SANT'ANNA, 2009, p.54)

Embora o projeto de Mário de Andrade não tenha sido executado na época, a sua ideia foi retomada nos anos 70 por Aloísio de Magalhães no Centro Nacional de Referência Cultural e logo depois na Fundação Nacional Pró-Memória. Nestas fundações foram realizados significativos trabalhos de registros de manifestações culturais, os quais, a pesar de terem sido de caráter experimental, possibilitaram uma maior reflexão sobre o tema e a posterior ampliação da noção de patrimônio cultural, conceito este que passou a ser expresso nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. Como pode ser visto no fragmento da Constituição, a seguir:

**Art.216-** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e

imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.<sup>2</sup>

Outro ponto fundamental na história da preservação das tradições culturais brasileiras foi a criação do Decreto nº. 3.551 de 04 de agosto de 2000, o qual instituiu no país, o registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro. O objetivo do decreto foi ampliar o raio de proteção, preservação e valorização dos bens simbólicos do povo brasileiro. Com o Decreto nº. 3.551, foram instituídas quatro abrangentes categorias de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. Como pode ser observado no inciso 1º do art. 1º do Decreto 3.551:

I – Livro dos Registros dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II – Livro de Registros das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III – Livro de Registros das formas de Expressões, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV – Livro de Registros dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.<sup>3</sup>

Desde a instituição do Decreto 3.551, várias realizações, abrangendo as quatro categorias instituídas, já foram feitas, como a implantação de mapeamento e inventário de referências culturais em todos os estados do país.

Segundo Sandra C.A. Pelegrini (2008), até 2007 já foram registrados onze bens culturais como Patrimônio Cultural do Brasil abrangendo as quatro categorias instituídas pelo Decreto 3.551 – saberes, formas de expressões, celebrações e lugares – São eles:

---

<sup>2</sup> Artigos 215 e 216 da sessão II do capítulo III da Constituição Federal. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf)>. Acesso em 28 de jan. de 2011.

<sup>3</sup> Decreto 3.551 de 04 de Agosto de 2000. Disponível em: O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial.

- 1 . Ofício das paneleiras de Goiabeiras (dez./2002);
2. Arte Kusiwa dos Índios Wajãpi (dez./2002);
3. Samba de roda do Recôncavo Baiano (out./2004);
4. Modo de fazer de viola-de-cocho (jan./2005);
5. Ofício das baianas de acarajé (jan./2005);
6. Círio de Nossa Senhora de Nazaré (out./2005);
7. Jongo no Sudeste (dez./2005);
8. Cachoeira de Iauaretê – lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri (out./2006);
9. Feira de Caruaru (dez./2006);
10. Frevo (dez./2006);
11. Tambor de Crioula do Maranhão (jun./2007). (Pelegrianni, 2008, p. 74).

Dois desses bens - a Arte Gráfica Kusiwa, dos povos Wajãpi do Amapá e o Samba de Roda do Recôncavo Baiano – receberam da UNESCO o título de Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Além dos bens culturais já tombados, segundo Sant'Anna (2006), de acordo com dados do IPHAN, “estão em andamento, ou em fase de formulação, os planos de salvaguarda que têm como objetivo fortalecer e melhorar as condições de produção, reprodução e transmissão dos bens culturais que foram registrados até o momento.” (SANT'ANNA, 2006). Ainda nesse processo de salvaguarda dos bens imateriais, outra ação que está sendo desenvolvida é a viabilidade da criação e implantação de um quarto livro de uma nova categoria de bens culturais imateriais a serem reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil, que é o Livro de Registro das Línguas, o qual pretende reunir todas as línguas faladas no Brasil.

Avanços, também consideráveis ocorreram em 2005, com a implantação da Câmara do Patrimônio Imaterial junto ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, ato que visa o compartilhamento da política de reconhecimento de bens culturais de natureza imaterial com a instância que representa a sociedade junto ao IPHAN. Outro ato tido como fundamental no processo de crescimento das formas de preservação dos bens culturais imateriais, foi a Resolução nº. 001 de 03 de agosto de 2006, do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. A resolução 001/2006 contém as normas que regulamentam a instauração, instrução e tramitação de processos de registro, possibilitando que instituições e a própria sociedade possam colaborar no registro desses bens.

Os processos de registro dos bens culturais devem ser protocolados segundo alguns pré-requisitos, os quais podem ser observados neste fragmento da resolução 001/2006:

Art. 4º O requerimento será apresentado em documento original, datado e assinado, acompanhado das seguintes informações e documentos:

I - identificação do proponente (nome, endereço, telefone, e-mail etc.);

II - justificativa do pedido;

III - denominação e descrição sumária do bem proposto para Registro, com indicação da participação e/ou atuação dos grupos sociais envolvidos, de onde ocorre ou se situa, do período e da forma em que ocorre;

IV - informações históricas básicas sobre o bem;

V - documentação mínima disponível, adequada à natureza do bem, tais como fotografias, desenhos, vídeos, gravações sonoras ou filme;

VI - referências documentais e bibliográficas disponíveis;

VII - declaração formal de representante de comunidade produtora do bem ou de seus membros, expressando o interesse e anuência com a instauração do processo de Registro.<sup>4</sup>

Como podemos ver, até chegar as atuais situações e formas de proteção, preservação e difusão, os bens da cultura popular, que constituem o patrimônio cultural do Brasil tiveram que passar por um contínuo processo de mudanças e reajustes. Com os bens do patrimônio cultural monteirense não foi diferente e é essa a história que pretendemos contar nas linhas seguintes.

### **2.3. Patrimônio cultural em Monteiro - Pb: diversidade cultural.**

A cidade de Monteiro, localizada na microrregião do Cariri Ocidental da Paraíba, antes de surgir oficialmente como cidade, era uma área de fazendeiros e criadores de gado. Segundo a Revista Vitrine do Cariri (2005) Monteiro foi:

Erguida às margens do Rio Paraíba, graças à construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, a cidade de Monteiro começou a sua história no ano de 1.800, quando Manoel Monteiro do Nascimento e sua mulher desmembraram de sua fazenda Lagoa do Periperi, meia légua de terras em quadro, para construir o patrimônio da capela, edificada no pátio da sua casa de vivenda, distantes 300 metros da margem do rio. A excelência do local foi atraindo habitantes e, em pouco tempo, havia ali um povoado, denominado Povoação da Lagoa. Posteriormente, o nome foi mudado para Alagoa do Monteiro, em homenagem ao seu fundador. (Vitrine do Cariri, 2007. p. 10).

Em 04 de setembro de 1865, Alagoa do Monteiro torna-se povoado e em 28 de junho

---

<sup>4</sup> Artigo 4º da Resolução 001 de 03 de Agosto de 2006 do IPHAN, a qual determina os procedimentos necessários no processo de registro de bens culturais de natureza imaterial.

de 1872 torna-se município desmembrando-se de São João do Cariri.

Em meados do século XIX, o desenvolvimento da cultura algodoeira daria grande visibilidade ao espaço paraibano, neste período, o nordeste tornou-se o mais importante produtor e exportador de algodão. Nas décadas de 50 e 60, Monteiro também participa dessa história, figurando como pólo sócio cultural do Estado participando da economia da Paraíba, como um dos principais produtores de algodão, sisal e couro. Atualmente, a fonte econômica da cidade está baseada no setor de serviços e na ovinocaprinocultura.

A cidade que hoje faz parte da área do Território da Cidadania<sup>5</sup> e do Fórum de Cultura e Turismo do Cariri Paraibano é referência nacional em termos de cultura através de nomes como Jansen Filho, poeta de renome nacional, Pinto do Monteiro, “o cascavel do repente” e Zabé da Loca, “a rainha do pífano”. Em cada praça, em cada rua e em cada esquina, os eventos da música, da dança e da poesia fazem de Monteiro um espaço permanente de vivência cultural.

Na cidade de Monteiro a cultura popular é literalmente viva. Nos terreiros, dança-se o coco de roda e a mazurca. Os pifeiros tocam na feira livre, e no meio da rua e na latada do arraial Zé Marcolino, toca-se e dança-se forró pé-de-serra o ano inteiro. Hoje, não há como falar da cidade de Monteiro sem se referir ao seu patrimônio cultural e seu destaque na mídia como uma cidade de cultura.

Mas antes de falarmos no destaque de Monteiro como cidade de cultura na mídia local, propomos que como um turista ansioso por deslumbrar os atrativos de um novo lugar, realizemos uma pequena excursão com o objetivo de conhecer parte do patrimônio cultural monteirense.

De acordo com a definição de patrimônio cultural da Unesco (1972), podemos dizer que, hoje a cidade de Monteiro apresenta um abrangente patrimônio cultural que vai deste o natural, o arquitetônico, o arqueológico e o imaterial.

Segundo a Unesco Patrimônio cultural inclui monumentos, grupos de edifícios e áreas que têm valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico. Patrimônio natural compreende formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, hábitat de espécies animais e vegetais ameaçadas e zonas

---

<sup>5</sup> O Programa Territórios da Cidadania foi lançado pelo Governo Federal em 2008, tendo como objetivos promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável. A participação social e a integração de ações entre Governo Federal, estados e municípios são fundamentais para a construção dessa estratégia. Disponível em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br>. Acessado em: 05 de junho de 2011.



que tenham valor científico, de conservação ou estético.<sup>6</sup>

Com base no conceito de patrimônio natural da Unesco, podemos destacar alguns dos principais nomes que integram o patrimônio natural monteirense. Entre estes esta a nascente do Rio Paraíba, na Serra do Jabitacá, rio este que em suas margens a cidade pode se nascer. E a Serra do Peru, um dos principais pontos turísticos da cidade.

A Serra do Peru tem esse nome devido a uma grande pedra com forma de bico que lembra um peru. O local é propício para a pratica de esportes de aventura como caminhadas e o rapel. O local, conta ainda, com infra-estrutura para receber turistas e visitantes que procuram um pouco de aventura.



Imagem 1: Vista geral da Serra do Peru. Fonte: arquivo da prefeitura municipal.



Imagem 2: Detalhe da Pedra do Peru onde se pratica o rapel. Fonte: arquivo da prefeitura municipal.

Segundo Relatório Descritivo Fotográfico de Inspeção Técnica do IPHAN da Paraíba (2010)<sup>7</sup>, a Serra do Peru, juntamente com outros locais de paisagens naturais como a Laje de Nevinha e Lagoa do Roque “são locais de forte apelo paisagístico, podendo o seu potencial turístico ser promovido pelo poder público municipal de Monteiro. Nestes locais, fica patente a característica da paisagem natural, com seus grandes lajedos, suas lagoas, a vegetação cactácea e as grandes serras”. (IPHAN, 2010).

Em se tratando de patrimônio arqueológico a cidade tem a oferecer como atrativo o sítio arqueológico “Pedra da Lua”, que segundo o IPHAN (2010), “Trata-se de um abrigo sob rocha com incidência de pinturas rupestres da cor vermelha, com figuras geométricas e abstratas.” Segundo Mendonça de Souza e Souza (1981), patrimônio arqueológico é:

Caracterizado como o conjunto de locais em que habitaram as populações pré-

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.tierramerica.net/2001/1209/plosabias.shtml> . Acessado em 10 de maio de 2011.

<sup>7</sup> Relatório produzido pela Superintendência do IPHAN na Paraíba com o objetivo de cadastramento e posterior tombamento dos bens culturais da cidade de Monteiro.

históricas, bem como toda e qualquer evidência das atividades culturais destes grupos pretéritos e inclusive seus restos biológicos. O patrimônio arqueológico é assim integrado não só por bens materiais (artefatos de pedra, osso, cerâmica, restos de habitação, vestígios de sepultamentos funerários), mas também e principalmente pelas informações deles dedutíveis a partir, por exemplo da sua própria disposição locacional, das formas adotadas para ocupação do espaço e dos contextos ecológicos selecionados para tal. (SOUZA E SOUZA, 1981, p. 5)

Segundo informações da Secretaria de Cultura de Monteiro existem pelo menos mais seis sítios arqueológicos identificados no município. Os mesmos ainda estão aguardando mapeamento das figuras, datação e cuidados arqueológicos em torno dos abrigos dos mesmos.

Na categoria do patrimônio arquitetônico monteirense, ganha destaque o Centro Histórico de Monteiro, caracterizado por largas avenidas com generosas calçadas, praças e edifícios que chamam a atenção por suas variadas formas. Segundo o Relatório Descritivo Fotográfico do IPHAN da Paraíba (2010):

Uma análise do espaço construído permite que se recorde a vanguarda dos projetos urbanísticos do século XIX que alcançaram o século XX muito fortalecidos e multiplicaram-se no Brasil, como é o caso do plano de Paris. A renovação das cidades o controle e higienização social que contemplou o saneamento, a melhoria da circulação e o embelezamento das cidades brasileiras, foi a tônica do urbanismo brasileiro da primeira metade do século XX e esta tendência atingiu cidade no Brasil inteiro. É possível que o traçado urbano de Monteiro tenha sofrido influência dos traçados urbanísticos difundidos no Brasil a partir de então, que se tornaram emblemáticos no cenário nacional.<sup>8</sup>

Embora a ocupação inicial da cidade tenha ocorrido nas terras de uma fazenda, presumi-se que quando a cidade foi crescendo, tenha havido a intenção de constituir um traçado regular com largas avenidas, grandes praças e a remodelação das fachadas. Seguindo assim, a *renovação urbana* difundida no país.

A maioria das edificações do Centro Histórico transcreve justamente este momento de *renovação urbana*. Podemos observar na ocupação de todo o lote, uma implantação urbana predominantemente colonial, aliada as fachadas de aparência *art nouveau*<sup>9</sup>, *art déco*<sup>10</sup> e

<sup>8</sup> Trecho retirado do Relatório Descritivo Fotográfico de Inspeção Técnica do IPHAN na Paraíba.

<sup>9</sup> O estilo arquitetônico *Art Nouveau*, também conhecido como estilo 1900 ou o estilo Liberty, se apresenta como tendência arquitetônica inovadora do fim do século XIX; um estilo floreado, onde se destacam a linha curva e as formas orgânicas inspiradas em folhagens, flores, cisnes, labaredas e outros elementos. Disponível em: [http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/art\\_nouveau/index.htm](http://www.pitoresco.com.br/art_data/art_nouveau/index.htm). Acessado em 10 de maio de 2011.

<sup>10</sup> O termo *art déco*, de origem francesa (abreviação de *arts décoratifs*), refere-se a um estilo decorativo que se afirma nas artes plásticas, artes aplicadas e arquitetura no entreguerras europeu. O *art déco* liga-se na origem ao *art nouveau*. Disponível em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_ic/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=352](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=352)

protomoderna<sup>11</sup>. Como pode ser observado nas imagens abaixo:

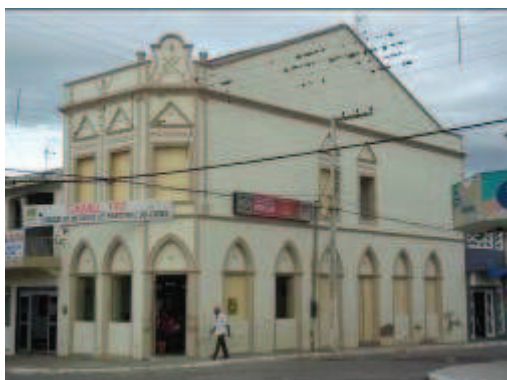


Imagem 3: Exemplo típico da implantação tradicional, sem recuo lateral ou frontal. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 4: Exemplo típico da implantação tradicional, sem recuo lateral ou frontal. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Partindo de uma leitura visual das edificações do centro histórico de Monteiro podemos perceber ainda, que outros edifícios já apresentam o desprendimento do imóvel dos recuos frontais e laterais. O que segundo os técnicos do IPHAN na Paraíba, denota uma intenção de modernização. “Esta implantação mais solta no lote já denota uma intenção de modernização e reflete as preocupações comuns a partir do início do século XX, com aeração, ajardinamento das construções e ornamentação de fachadas e alpendres.” (IPHAN, 2010). Esta preocupação pode ser observada ao analisarmos as imagens seguintes:



Imagem 5: Exemplo típico da casa solta dos limites do terreno. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 6: Exemplo típico da casa solta dos limites do terreno. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

<sup>11</sup> O termo protomoderno é usado no contexto esclarecido por Correia (2008): *Alguns autores nacionais mobilizaram o adjetivo protomoderna para designar determinadas construções [...] nas quais a ornamentação se desloca das fachadas para a volumetria, configurando composições compostas que assumem um nítido caráter decorativo, ao qual, frequentemente, correspondiam detalhes decorativos de viés claramente déco no desenho de portões e luminárias e na ornamentação de portarias.* (p.48-49)



Imagem 7: Edifício dos Correios. Este edifício apresenta traços mais racionais, aproximando-se do estilo *art déco*. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 8: Edifício-sede da Prefeitura Municipal. Estilo característico de meados do século XX, com uma denotação de modernidade, com linhas mais racionais e o uso do concreto armada. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Segundo a Maria da Conceição Francisca Pires, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa:

[...] a formação da concepção de modernidade no Brasil surge a partir das formulações geradas em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro - por sua vez inspiradas em tendências européias - principais centros econômico, político e cultural do Brasil no início do século passado. Tratou-se de um processo que se propagou pelas grandes capitais e que teve início com o advento da República, em que uma nova política econômica foi instaurada, tornando necessário adaptar as cidades ao crescimento do comércio e das atividades industriais de exportação.

Daí decorreu a reestruturação do espaço urbano, visando atender aos ideais da economia moderna, remodelando as ruas e saneando as cidades no intuito de evitar a propagação das pestes decorrentes da falta de higiene. Para as elites em ascensão, em conjunto com o sistema econômico hegemônico, a denominação de moderno era primordial para a expansão das atividades comerciais e industriais. Urgia romper com qualquer elo de ligação com a antiga sociedade agrária e adotar uma postura urbana que adequasse esses espaços aos novos anseios. Devido à ausência de uma industrialização efetiva, como demonstradora do nível de modernização alcançado pelas cidades, as mudanças na arquitetura urbana, no “aformoseamento” da cidade, na higienização e nos costumes sociais foram privilegiadas. (PIRES, 2006).

Outra característica singular do Centro Tradicional de Monteiro está representada na tipologia das cobertas dos imóveis, que mesmo aqueles que sofreram algumas modificações no decorrer dos anos, ainda conservam suas cobertas em duas águas em telha cerâmica canal, dispostas sob grandes empenas, características das cidades da Região.



Imagem 9: Fotografia antiga na qual aparecem imagens de casarões com telhado em duas águas. Fonte: arquivo do museu histórico de Monteiro.



Imagem 10: Foto atual de casarões antigos que ainda conservam seus telhados em duas águas. Destaque para a fachada frontal em estilo neogótico. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Os diferentes exemplares arquitetônicos no Centro Histórico de Monteiro traduzem a evolução urbana pela qual a cidade passou. Através destes edifícios, é possível perceber o gradual desprendimento do edifício em relação ao terreno, a ornamentação das fachadas em busca do ecletismo e logo depois a racionalização dos elementos decorativos em busca de um estilo mais puro, representado a princípio pelo *art décor* e, posteriormente, pela arquitetura moderna.

Já o patrimônio imaterial da cidade, pode ser apresentado nas mais diversas formas das manifestações da cultura popular. Entendamos aqui cultura popular não no sentido pejorativo da palavra de qualificar o popular como uma sub-cultura, mas como a cultura definida por Hall (2005):

[...] a cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada, é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. Não é a esfera onde o socialismo ou uma cultura socialista - já formada - pode simplesmente ser Espress. Mas um dos locais onde o socialismo pode ser construído. (HALL, 2005, p. 263).

Não é de hoje que as manifestações da cultura popular estão inscritas na história da cidade de Monteiro. As tradicionais manifestações da cultura monteirense têm raízes bem profundas. Como nos fala o poeta Jansen Filho (1976), a cerca dos poetas violeiros da sua, ícones da cultura popular monteirense presentes nas lembranças da sua infância:

“Monteiro foi sempre o ponto de convergência dos condutores da poesia popular. Ali, para memoráveis desafios, reuniam-se as maiores expressões do mundo das violas em sucessivas manifestações de inteligência e talento. [...]. Como improvisam aqueles mágicos do pinho! Como esbanjavam versos à mancheia, glosando os motes que lhes eram oferecidos e o faziam com riqueza incomum de imagens e ritmos, acendendo na admiração dos presentes as lantejoulas do entusiasmo.” (JANSEN

FILHO, 1976, p.58-59).

Outra manifestação da cultura popular imaterial monteirense descrita por Jansen Filho como evento importante da sua época, trata-se do Reisado de Sinhá Pastora.

Sinhá Pastora foi uma criatura maravilhosa! Havia nos seus olhos a luz suavizadora da pureza! Humilde e simples, cuja imagem eternizou-se na minha lembrança e perpetuou-se no meu coração.

Foi ela que enfeitou de harmonia e beleza os canteiros da minha infância, mergulhando a sensibilidade do meu povo no mundo misterioso do folclore.

Fui muitas vezes à sua casa para assistir as maravilhas do seu reisado e lá ficava até altas horas da noite, vendo e admirando aquelas cenas, á espera do momento culminante da matança do boi que era o desfecho importante, o ponto alto daquela dança ritmada.

Um verdadeiro espetáculo à parte! Os figurantes, que eram muitos, mantinham um diálogo meio acirrado entre eles para depois se digladiarem, satânica e tigrinamente, pela posse do boi.

Os dançadores se apresentavam de maneira fascinante, com trajes e enfeites que prendiam a atenção dos assistentes. As roupas ornamentadas com pedrarias faiscantes tremeluziam dentro da noite como se fossem estrelas se esfarelado [...]. (JASEN FILHO, 1976, p. 114-115).

Das duas manifestações integrantes do patrimônio cultural imaterial monteirense, descritas acima pelo poeta Jansen Filho, uma já não mais existe, o Reisado de Sinhá Pastora. Restando apenas as palavras do poeta e a memória daqueles que viveram à sua época. Quanto aos violeiros ainda podem ser vistos nos tradicionais encontros de violeiros que fazem parte do calendário cultural da cidade.

Entre as manifestações da cultura popular que fazem parte do patrimônio imaterial da cidade de Monteiro, e que ainda encontram-se em plena atividade, elevando o status cultural da cidade por onde quer que passem, estão o Coco de roda Quitéria Norberto a mazurca Santa Catarina do mestre Zé Preto e a pifeira Zabé da Loca.

Resolvemos destacar estas manifestações como símbolos do patrimônio cultural imaterial monteirense, não por elas serem as únicas no cenário patrimonial da cidade, mas por estas retratarem a tradição de um povo.

Falamos de tradição, pois de acordo com o conceito de tradição definido por Nildo Viana em seu trabalho Cultura, tradição e memória. A juventude entre a permanência e a ruptura, é essa tradição que é a responsável pela sobrevivência destes grupos. Segundo o autor:

Este conceito expressa o conjunto de idéias, hábitos, costumes de uma determinada população que é transmitida de uma geração para outra, sendo que seu conteúdo é caracterizado por uma forte ligação com o passado, a afetividade, relações familiares, sendo que em algumas sociedades assumem o caráter de uma convicção,

possuindo um forte caráter mobilizador. A tradição é, assim, tanto do ponto de vista da cultura quanto dos costumes, conservadora (o que não quer dizer que o seja necessariamente do ponto de vista político), pois ela visa transmitir e, por conseguinte, conservar, determinados costumes, crenças, idéias, etc. (VIANA)<sup>12</sup>

Uma destas manifestações que são seguidas e partilhadas a gerações na cidade de Monteiro é o Coco de Roda Quitéria Norberto, o qual se mantém vivo até os dias de hoje graças ao empenho de seus integrantes em repassarem aos mais jovens a dança e as músicas que aprenderam com os pais. Segundo o senhor Ivan Pereira da Silva, mais conhecido como Ivan do Coco, o coco de roda chegou a Monteiro a mais de cem anos:

[...] mais ou menos em 1880 uma senhora chegou em nossa cidade trazendo essa dança... Bibiana era seu nome, casada com um senhor chamado Anísio, duas filhas (Quitéria e Maria) e um filho (Emiliano, tirador de coco<sup>13</sup>). Quando aqui chegaram foram morar atrás do Banco do atual banco do Brasil construindo assim uma casa de taipa. Depois de um tempo aqui conheceram a família Norberto, que por sinal (Quitéria) casou-se com um deles. Então deram o nome de coco de roda Quitéria Norberto, porque a dança era feita na sua porta na época dos festejos juninos. E assim foram passando novamente os anos, vindo a falecer os mais velhos, deixando aos seus filhos essa tradição.<sup>14</sup>

O poeta Jansen Filho, entre sua vasta produção voltada à poesia escreveu apenas dois livros que não tratassem do tema. Em um destes “Monteiro da Minha infância”, o poeta descreve suas experiências e a sociedade monteirense da sua época de criança e juventude. Neste mesmo livro Jansen faz uma descrição de como era realizado o coco de roda no terreiro de Joaquim Norberto. Este fragmento do livro escrito pelo poeta pode ser observado a seguir:

Parece que estou vendo o povo se aglutinando à sombra da velha quixabeira, no terreiro da casa de Joaquim Norberto para a dança do coco, entre os ruídos constantes do ganzá e o crebro ritmar do cabaçal. Era, realmente uma festa do povo. As pessoas davam-se as mãos e entravam na folia possuídas de uma alegria fora do comum...

O coco da minha terra não era nada de coco zambê, coco de praia coco de sertão, coco de oitava, coco de décima, coco martelo, coco ritmado, nem coco agalopado. O coco lá era coco embolada, o coco desafio...

Todos se misturavam, numa felicidade coletiva, crepitante do seu entusiasmo. E naquele sacolejo gostoso, naquela dança rodada, naquele soberbo estado de euforia, entravam pela madrugada a dentro e dançavam, cantavam, pulavam e bebiam até o sol raiar!

Branco e pretos, ricos e pobres, gregos e troianos, todos entravam na roda e, sem distinção de cores, credos e raças, participavam do pagode como se fossem irmãos, formando uma só família, numa inequívoca demonstração de solidariedade conterrânea.

Em meio aos requebros, quando as coisas esquentavam e ferviam de verdade, ouvia-

<sup>12</sup> VIANA, Nildo. Cultura ,Tradição e Memória. A juventude entre a permanência e a ruptura. Disponível em: <http://br.monografias.com/>. Acessado em: 03 de junho de 2011.

<sup>13</sup> O tirador de coco é a pessoa que canta as músicas a serem dançadas.

<sup>14</sup> Entrevista realizada com o senhor Ivan Pereira da Silva no dia 14 de dezembro de 2010.

se a voz de Miliano como um agudo dentro da madrugada para logo em seguida Joaquim Norberto, cabeça da festa, dono do terreiro e amigo número um daquele movimento deslumbrante, agitando o ganzá com uma empatia que não tinha tamanho, libertando-se do cordão e se plantando no meio da roda, com aquela voz dolente e pausada, cantar para alegria de todos, esta embolada:

A bola do meio do mundo  
Corta mãos do que naváia ,  
E quando ela se esbandáia  
Fica o povo morimbundo!  
Veio corcundo,  
Sem pensar, sem maginá  
Da validade do mundo.

E a agitação crescia! A voz de Joaquim Norberto, era um incentivo e um estímulo àquela gente que se expandia na cadência do coco, dando mais força e vigor ao seu entusiasmo e alevantando, no terreiro de vida, a poeira do sonho!... (JANSEN FILHO, 1976, p. 116)

Segundo Ivan do Coco, hoje o coco de roda se apresenta com 16 integrantes, os quais vão sendo substituídos por novos componentes a medida que os mais velhos chegam a falecer. O entrevistado em questão fala ainda da participação do grupo em eventos fora da cidade e da falta de documentação e registro destas atividades que o grupo possui.

O nosso grupo de coco já se apresentou em vários lugares concorrendo a prêmios e tudo. Uma vez em João Pessoa se apresentou mais de dez grupos de coco numa competição e o nosso ficou em primeiro lugar. Tudo isso ficou documentado em um DVD, prometeram que iriam me enviar uma cópia, mas infelizmente não mandaram. Tem gente que tem muita coisa gravada do coco de roda mais eu mesmo não tenho nada. Eu tinha muita foto, mas o povo pedia emprestado e acabava não devolvendo. Hoje eu só tenho as músicas que eu canto gravadas aqui (apontando para a cabeça) na minha cabeça.<sup>15</sup>

O coco que era realizado no terreiro do senhor Joaquim Norberto, foi passando de geração em geração até chegar aos cuidados de Ivan do Coco, o qual por sua vez cuida em manter a tradição que lhe foi repassada.

O Coco de Roda Quitéria Norberto se apresenta como um exemplo vivo de um grupo que se mantém unido por laços culturais e valores que vão sendo repassados a cada geração a partir da identificação que seus integrantes possuem relacionados a seus hábitos. Segundo Silva (2006):

[...] Esses valores são socializados entre pessoas do mesmo grupo em uma área territorial definida, no entanto outros grupos de territórios diversos podem compartilhar experiências vivenciadas, pois o saber cultural não esta limitado aos espaços físicos rígidos nem a fronteiras delimitadas pelos homens no convívio social [...]. (SILVA, 2006, p. 15).

---

15 Entrevista realizada com o senhor Ivan Pereira da Silva no dia 14 de dezembro de 2010.



Hoje o coco de roda realiza suas apresentações com mais frequência em encontros de grupos de cultura popular e em festivais de cultura da região. Sua última apresentação foi no realizada no II Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca, na cidade de Monteiro. Abaixo temos algumas imagens da apresentação do grupo com sua formação atual.



Imagem 11: Ivan do coco, tirador de coco e responsável pelo grupo de coco de roda Quitéria Norberto. Fonte: arquivo pessoal do fotógrafo Asley Ravel.



Imagem 12: Coco de roda Quitéria Norberto em sua apresentação no Primeiro Festival de Cultura Popular Zabé da Loca. Fonte: arquivo pessoal do fotógrafo Asley Ravel.

Outro importante ícone do patrimônio cultural imaterial da cidade de Monteiro trata-se da mazurca Santa Catarina do Mestre Zé Preto, que esta a frente do grupo a mais de 60 anos.

A mazurca, segundo relato histórico, é fruto da miscigenação entre negros, índios e brancos, vivenciada no processo de colonização do Agreste nordestino. Ela é um dos muitos resultados culturais de tradição antiga, proveniente de casas de farinha. Nelas, há negros e índios quilombolas. Os casais comemoram a boa produção, girando em um grande círculo, na mesma direção, e cantando loas. A música é marcada pelo toque do ganzá, instrumento de origem indígena, e acompanhada com fortes batidas com os pés e as palmas das mãos. Os casais dançam enquanto dois coquistas declamam rimas que retratam o cotidiano do grupo.

Essas rimas são respondidas por todos. A simplicidade das canções passou a encantar facilmente os visitantes apreciadores das raízes culturais de nossa gente, sobretudo turistas de todo o mundo. Também há toda uma indumentária típica na mazurca, feita com roupas de chita colorida e com vários detalhes em bordados. Acompanham o visual as sandálias de couro, também conhecidas como alpargatas. O grupo dança arrastando o pé no terreiro e batendo forte no chão, dando a cadência da música. (ASCES EM FOCO, nº. 14, p. 6).<sup>16</sup>

A mazurca essa antiga dança de roda em pares, foi passada pelos avos de seu Zé Preto a seus pais, que repassaram a tradição a ele. Hoje, ao lado de sua esposa dona Maria e de um grupo de amigos, seu Zé Preto com 73 anos, procura repassar a dança aos mais jovens como forma de manter viva e herança deixada por seus antepassados.

<sup>16</sup> Disponível em: [http://www.asc.es.edu.br/arquivos/downloads\\_203.pdf](http://www.asc.es.edu.br/arquivos/downloads_203.pdf). Acesso em 15 de maio de 2011.



Imagem 13: Mestre Zé Preto em apresentação realizada no Balaio do Patrimônio – Trilha do Cariri em Monteiro em 2010. Fonte: arquivo pessoal do fotógrafo Asley Ravel.



Imagem 14: Mazurca Santa Catarina em apresentação realizada no Balaio do Patrimônio – Trilha do Cariri em Monteiro em 2010. Fonte: arquivo pessoal do fotógrafo Asley Ravel.

Por último mais não menos importante membro do patrimônio cultural imaterial da cidade de Monteiro esta a senhora Isabel Marques da Silva, a Zabé da Loca. Conhecida como rainha do pífano<sup>17</sup>, Zabé, com sua simplicidade e simpatia eleva o nome da cidade de Monteiro e da sua cultura por onde passa.

Durante 25 anos, Zabé morou e criou seus dois filhos em uma loca de pedra no sítio Tungão, zona rural de Monteiro. E daí veio o seu apelido “Zabé da Loca”. A pifeira ficou conhecida nacionalmente devido a sua história de força e resistência e ganhou destaque em várias revistas, programas de televisão, documentários e filmes. Como pode ser visto no fragmento da Revista Globo Rural.

Após oito décadas tocando pífano, Zabé da Loca é premiada como revelação musical. Aos 85 anos, a maior pifeira do Nordeste sobe ao palco como símbolo do talento e da resistência do sertanejo. [...] No início de julho, ela foi aplaudida de pé por nomes como Maria Bethânia, Milton Nascimento e Elba Ramalho, aclamada como uma das grandes ganhadoras do Prêmio da Música Brasileira, o antigo Prêmio Tim de Música, um dos mais importantes da categoria.<sup>18</sup>

Zabé aprendeu a tocar o pífano aos sete anos de idade com um dos seus irmãos e desde então não parou de tocar. Devido a sua arte Zabé chegou a receber vários prêmios, entre estes

<sup>17</sup> Pífano ou pífaro ou ainda pife é uma pequena flauta transversal, aguda, similar a um flautim, mas com um timbre mais intenso e estridente, devido ao seu diâmetro menor. Os pifanos são originários da Europa medieval e são frequentemente utilizados em bandas militares. No Brasil, o pífano tradicional é um instrumento cilíndrico com sete orifícios circulares, sendo um destinado ao sopro e os restantes aos dedos. No geral, é um instrumento muito similar ao pífano de outras regiões do mundo. Pode ser construído com materiais diversos como: bambu, taboca, taquara, osso, caule demamoneira ou, ainda, como é mais explorado hoje em dia, com cano de PVC. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%ADfano>. Acesso em 15 de maio de 2011.

<sup>18</sup> Disponível na Revista Globo Rural nº. 286 de agosto de 2009.

o prêmio de “Ordem ao Mérito Cultural”, pelo então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Desde então Zabé passou a ser conhecida como “rainha do pífano”.

Depois dos prêmios Zabé recebeu muitas propostas de show e viagens para se apresentar em vários lugares que ela nem sonhava em conhecer.



Imagem 15: Zabé da Loca ao lado de Josivane Caiano sua protetora, recebendo o prêmio de Revelação da Música Brasileira do ano 2009. Fonte: Revista Globo Rural, agosto de 2009.



Imagem 16: Interior da loca onde Zabé morou durante 25 anos. Fonte: Revista Globo Rural, agosto de 2009.

Outro prêmio conquistado por Zabé foi o título de mestre das artes<sup>19</sup>, concedido pelo governo da Paraíba a pifeira. Esse prêmio concede ao beneficiado dois salários mínimos mensais a figuras importantes da cultura popular, e é com esse dinheiro e o que recebe de algum show, que Zabé se mantém e ajuda a manter o projeto de música e dança das crianças da comunidade onde mora.

Em torno da pifeira foi criado um projeto de música e dança que atende a mais de 80 crianças da comunidade do Assentamento Santa Catarina, localidade onde Zabé mora e tenta passar para as novas gerações um saber que ela conhece a mais de 80 anos, a arte de tocar pífano.

Como podemos ver na cidade de Monteiro existem elementos que mostram não só sua paisagem natural, arquitetura ou seus grupos culturais, mais principalmente a história e a cultura de um povo que com as suas tradições criaram um povo e sua identidade cultural.

<sup>19</sup> O título mestre das artes é um incentivo do governo da Paraíba, que destina dois salários mínimos mensais a figuras importantes da cultura popular.

### CAPÍTULO III: Monteiro na mídia local: uma cidade de cultura.

Como vimos no capítulo anterior, a cidade de Monteiro possui um riquíssimo e completo patrimônio cultural que passa pelo natural, arqueológico, arquitetônico e o imaterial. Constatamos também, através de reportagens, que a cidade vem ganhando destaque na mídia como sendo uma “cidade de cultura”. Neste sentido nossa proposta para este capítulo é justamente tratar das *maneiras de fazer* e dos caminhos construídos para a consolidação dessa “Monteiro de cultura.”

De acordo com Certeau (2007), essas maneiras de fazer constituem as mil práticas pelas quais os sujeitos se apropriam do espaço do campo social que os regulam através de maneiras quase que imperceptíveis, para modificarem as estruturas do sistema que lhes é imposto, modificando seu funcionamento e tirando proveito deste.

Certeau (2007) nos oferece a chave para entender as *táticas* constantemente utilizadas, por aqueles que almejam a visibilidade dessa Monteiro para além de suas singelas fronteiras. Segundo o autor, o cotidiano reveste-se de *táticas* que burlam o tempo todo as *estratégias* criadas pela sociedade. Sendo assim o autor esclarece:

[...] as *táticas* apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfrelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores a imigrantes em um sistema demasiadamente vasto para ser o deles e com as malhas demasiadamente apertadas para que pudessem escapar-lhe. (CERTEAU, 2007. p. 47).

É preciso, porém especificarmos que, ao utilizarmos o sentido da *tática* que é *determinada pela ausência de poder* e da *estratégia pelo postulado de um poder*, gostaríamos de enfatizar que estaremos tratando das *táticas* utilizadas pela cidade para manobrar as *estratégias* da mídia que tenta se apropriar das mais diversas situações e acontecimentos com o intuito de repassá-los muitas vezes, de acordo com interesses próprios. Assim queremos ver e entender quais foram, e como foram utilizadas essas *táticas* que deram visibilidade e aceitabilidade de uma Monteiro de cultura. Para tal tentaremos regressar no que acreditamos ser o início desta história, o ano de 1998, até chegarmos aos dias atuais, o meado do ano 2011.

Para a realização dessa história de um passado não tão distante alinhavado ao presente, procuramos trabalhar com o que melhor nos foi oferecido como fontes para um passado que não possui registros escritos e para um presente cheio de informações imediatas. O que neste caso corresponde respectivamente a memória e a mídia em suas mais diversas versões.

Assim pretendemos entender como se deu a construção dos fatos que elevam a cidade de Monteiro a condição de cidade de cultura na mídia local e o reconhecimento desse status, pelos próprios monteirenses. Fatos estes, apresentados pela mídia e pela população da cidade como sendo devido ao riquíssimo patrimônio cultural do município e a intensa movimentação cultural que o mesmo realiza no decorrer de todo o ano.

### **3.1. Entre o local e o global: a mídia como instrumento responsável pela difusão de costumes e tradições da cultura popular.**

O processo de globalização instrumentalizado pela troca acelerada da informação através dos novos *mídia*, que abolem as distâncias e o tempo, não tem provocado a homogeneização completa das culturas e das identidades. Pelo contrário, não apenas antigas querelas identitárias se mantêm vivas como multiplicam-se diferentes bolsões de identidades local, religiosa, ética ou comportamentais, reanimadas e fomentadas como maneiras de resistir à introdução de novos modos identitários uniformizantes. [...].<sup>20</sup>

Até pouco tempo, muitos acreditavam que, com o processo de globalização e a abrangente influencia da mídia e dos meios de comunicação, os costumes e tradições da cultura popular, entrariam em extinção devido à massificação dos novos costumes e valores mundiais, tidos como modernos e contrários aos costumes populares, que estariam ligados ao atraso. Mas o que se tem percebido é justamente a inversão dessa idéia inicial, em vez da extinção, a cultura popular tem-se mostrado cada vez mais fortalecida e seus praticantes, que eram vistos como meros consumidores passivos das mensagens midiáticas, ao contrário, tem se mostrado, não apenas reles assimiladores de conteúdos, mas sim interpretadores destes.

Atualmente as indústrias da mídia estão passando por grandes mudanças econômicas e tecnológicas, gerando um importante impacto na produção e na difusão das mensagens. A produção e circulação das mensagens na sociedade atual é extremamente dependente das atividades das indústrias da mídia. O papel das empresas de comunicações é fundamental na formação do indivíduo moderno, pois é difícil imaginar, nos dias de hoje, “o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós” (Thompson<sup>21</sup>). (Alexandre, 2001, p. 115)

As influências do mundo globalizado, repassadas através dos veículos da mídia, que seriam os grandes causadores da extinção dos costumes e tradições da cultura popular,

<sup>20</sup> Programa Sociedade da Informação – SOCINFO/MCT. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.co.br/...informacao/iden\\_SOCINFO.pdf](http://www.antoniomiranda.co.br/...informacao/iden_SOCINFO.pdf)>. Acesso em 09 de jul. de 2010.

<sup>21</sup> THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 3ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

parecem ter sido ressignificados, ao contrário do que se pensava, essa mesma mídia, tem sido utilizada para difundir os costumes e tradições da cultura popular. É o que vem acontecendo na cidade de Monteiro na Paraíba, entre os anos de 1998 e 2011, na qual se tem percebido um crescente destaque da cidade nos veículos midiáticos no tocante ao seu patrimônio cultural. Destaque este, que pode ser observado no fragmento a baixo, que dá visibilidade a um dos eventos que ocorrem na cidade a cerca do patrimônio cultural na forma da cultura popular, mostrando que a mídia pode ser usada em detrimento das manifestações e costumes das várias culturas.

O Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca, que aconteceu no mês de janeiro na cidade de Monteiro, proporcionou ao município, uma grande projeção midiática no cenário nacional.

A TV Cultura em sua programação nacional, no programa Metrópolis, estreia hoje o quadro Arte Brasil, que vai ao ar, no horário das 21h30 de Brasília, e 20h30 horário da Paraíba, com uma série de reportagens sobre a cultura e o povo de Monteiro. Na Paraíba, os telespectadores poderão assistir em sinal aberto pela TV Itararé, canal 14, afiliada da TV Cultura.

A produção foi realizada pelo jornalista Pedro Paulo Carneiro, Ricardo Gimenez e Roberto Lamouner, convidados da Secretaria de Cultura e Turismo. A série que tem início nessa segunda-feira vai até a quinta, dentro do programa Metrópolis.

Segundo Pedro, as matérias contribuirão de forma positiva para a cidade de Monteiro, que ganha uma boa projeção nacional.

“A série tem como objetivo apresentar ao Brasil um pouco dessa linda cidade, localizada na região do Cariri paraibano. A sua gente, a sua cultura, a cidade isso será mostrada ao país. Aquilo que Monteiro tem de bom”, disse Pedro.<sup>22</sup>

Na sociedade contemporânea a mídia vem desempenhando certo papel na construção da “História do Presente”, selecionando os elementos a serem lembrados ou esquecidos e repassando estes aos seus observadores. Através dos veículos midiáticos, vem sendo criada uma espécie de “História ao vivo” à medida que determinado acontecimento é quase que instantaneamente difundido em quase todo o mundo através de textos verbais e não-verbais. Essa “História” realizada pela mídia é feita geralmente por meio de entrevistas, depoimentos, reportagens, relatórios, descrições e pesquisa. Técnicas semelhantes aos métodos utilizados no trabalho com a História oral.

Na introdução do livro “Discurso das mídias”, Charadeau (2006) diz que as mídias, ao relatarem um acontecimento, constroem uma representação que toma lugar da realidade. E são essas representações que muitas vezes são recebidas e tratadas pelos indivíduos como

<sup>22</sup> Estas informações podem ser encontradas na reportagem eletrônica “TV Cultura exhibe série de reportagens sobre a cidade de Monteiro” disponível em: <http://www.iparaiba.com.br/noticias.173209.2.tv+cultura+exibe+serie+de+reportagens+sobre+a+cidade+de+monteiro.html> . Acesso em 08 de fev. de 2011.

verdades absolutas. Ao tratar das mudanças epistemológicas ocorridas na História a autora Pesavento (2005), analisa a representação a partir das formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX. Segundo a autora:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar desse mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p. 39)

Partindo do pressuposto de que não existe uma verdade absoluta, isso em relação aos relatos midiáticos, estaremos nos guiando na identificação das representações construídas através das fontes orais para que possamos encontrar as respostas para as perguntas que trazemos, e que estas respostas possam ser encontradas através das fontes que escolhermos utilizar. Neste caso, a História oral através dos relatos da memória e a mídia com seus constantes *fleches* de notícias a cerca dos acontecimentos.

Mídia e memória, duas fontes que a princípio se mostram tão distintas, mas que com uma observação mais cuidadosa podem apresentar certa semelhança. Distintas porque enquanto uma trabalha com o que há de mais moderno oferecido pela tecnologia, a outra trabalha com o que há de mais antigo no que se refere ao trabalho de repassar o que se sabe através da oralidade. E semelhantes, por utilizarem como principal meio de coleta de informações justamente meios como a fala através de perguntas, relatos e confissões a cerca dos fatos.

### **3.2. História oral: um diálogo possível.**

A não existência de fontes oficiais e bibliográficas que registrem de forma satisfatória a história do desenrolar da emergência da cidade de Monteiro como “cidade de cultura” na mídia, se fez necessário, trabalhar diretamente com as fontes que pudessem contar esta história. Optamos então, por trabalhar com o material produzido pelos veículos midiáticos e com as pessoas que vivenciaram os acontecimentos e eventos destacados em nossa pesquisa como sendo os causadores dessa visibilidade do status cultural da cidade na mídia local. Desta forma, se fez necessário, além da análise do material produzido pela mídia, o uso da História Oral como forma de reavivar esse passado. Para Bosi (1992), “O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo. Ouvir a voz do outro é caminhar para a

constituição de uma subjetividade própria.” (BOSI, 1992, p. 29).

Na tentativa de tornar esse passado presente, como assim nos falou Bosi (1992) e de acordo com as necessidades da pesquisa, optou-se por trabalhar com entrevistas em forma de questionários destinados a população em geral, e entrevistas temáticas gravadas de cunho retrospectivo, com os principais envolvidos com os possíveis acontecimentos que possibilitaram a emergência do tema em questão. Na realização da pesquisa, foi necessário recorrermos ao trabalho com a memória. Mas sabíamos que, ao fazermos tal escolha teríamos pela frente uma árdua tarefa, como já nos alertavam os especialistas no uso da memória. Alguns destes problemas são discutidos por Pesavento:

O indivíduo que rememora amadurece durante esse intervalo, ele re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. [...] Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer. (PESAVENTO, 2005, p. 95)

Ao escolher a oralidade e a memória como formas de reconstruir um passado, estávamos cientes de que não encontraríamos relatos completos dos fatos que procurávamos compreender. Sabíamos que estaríamos trabalhando com um verdadeiro quebra-cabeça, e para completá-lo seria necessário ouvir várias narrativas memorialísticas a cerca da época. Sendo assim, procuramos seguir algumas recomendações de Halbwachs (2006), e procuramos trabalhar não só com a memória individual, mas também com a memória coletiva.

Segundo Halbwachs (2006), “[...] se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por outras.”. De acordo com as teorias de Halbwachs, a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de indivíduos que se lembrem, enquanto integrantes do grupo. Cada memória individual seria um ponto de vista da memória coletiva do grupo, de acordo com a relação que cada qual mantém e com o posicionamento perante os fatos vividos.

Sabendo que a memória ao tratar do passado opera com a descontinuidade, devemos lembrar que, o fato de um indivíduo ter vivenciado um dado acontecimento, não quer dizer que necessariamente, ele se recordará de tal acontecimento. Por que aquilo que se tornou marcante para um, a outros pode ter passado simplesmente por despercebido. Sobre essa perspectiva da história oral nos fala Halbwachs:



Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Devido à necessidade de se montar esse quebra-cabeça da história, através da memória, é papel do historiador utilizar, segundo Alberti (2004) a *interpretação*, que de acordo com a autora, seria uma das principais armas do historiador que precisa ou escolhe trabalhar com a difícil técnica da história oral.

O modo de pensar hermenêutico, que não se resume obviamente a filosofia de Dilthey consiste em valorizar o movimento de se colocar no lugar do outro para compreendê-lo e em acreditar que as coisas (o passado, os sonhos, os textos por exemplo) tem um sentido latente, ou profundo, a que se chega pela interpretação. (ALBERTI, 2004, p. 18)

Sabemos que o historiador, ao trabalhar com a história oral e com a memória dos indivíduos, exerce o papel de um construtor de problemáticas, onde ele deve proporcionar o surgimento de fatos em resposta aos seus questionamentos, realizando assim, uma verdadeira viagem no tempo, viajando do presente ao passado, com uma pergunta, e voltando do passado para o presente, com a resposta a essa pergunta. É com essa finalidade que nos dirigimos a esse passado da história de Monteiro, para tentarmos responder a indagação da emergência da cidade de Monteiro como sendo uma cidade de cultura com destaque na mídia nacional.

### **3.3. Entre o tangível e o intangível: visibilidade da cultura patrimonial de Monteiro na mídia local.**

#### **3.3.1. A água magnesiana e o Grande Hotel como elementos propulsores para desencadear o potencial turístico da cidade de Monteiro.**

Uma das primeiras aparições da cidade de Monteiro na mídia nacional, graças ao seu patrimônio cultural, foi nas décadas de 30 e 40 do século XIX. A cidade figurou no cenário turístico regional devido a presença da água magnésia, importante líquido medicinal, encontrado apenas em Monteiro e na França. A água foi encontrada durante a perfuração de um poço para suprir a necessidade de abastecer a cidade com água potável durante os períodos de seca, porém a água encontrada foi considerada imprópria para o consumo humano

devido ao seu gosto salobre. Posteriormente, a surpresa foi ainda maior, foi constatado que a água, que a princípio foi tida como imprópria para o consumo humano, se constituía na verdade, na descoberta de um grande aquífero de água magnesiana. Monteiro ficou então, conhecida, na época, como a cidade da cura de doenças gástricas e da tuberculose como nos fala, através de um dos veículos da mídia, uma coluna na página eletrônica Cariri Ligado, o senhor Sevy Falcão, defensor fervoroso da exploração turística da fonte hidromineral de água magnesiana como potencial turístico da cidade.

No tempo da minha infância, Monteiro era conhecida como uma espécie de El Dorado da saúde ou uma Shangri-la de James Hilton, na sua novela 'Horizontes Perdidos', este último, um lugar situado nas montanhas do Himalaia, onde há panoramas maravilhosos e o tempo parece deter-se em ambiente de paz e felicidade. Essa era a Monteiro para a qual muitos doentes acometidos de enfermidades gástricas ou portadores de tuberculose corriam em busca da cura através do clima, da água e da tranqüilidade.<sup>23</sup>

As qualidades da água magnesiana de Monteiro foram constatadas por acaso. O fato aconteceu quando a cidade recebeu uma tropa do exército no ano de 1932. Os soldados sedentos de sede beberam da água do catavento do poço e na manhã seguinte todos passaram mal. As qualidades da água magnesiana foram constadas na época, pelo Dr. Alcindo Meneses, farmacêutico experiente e entendido de ensaios químicos laboratoriais. Posteriormente a análise foi confirmada por um laboratório especializado, em Pernambuco. O caso é contado em detalhes, ainda, pelo senhor Sevy Falcão:

O fato aconteceu por acaso, na oportunidade em que a cidade aquartelou uma tropa do exército no mesmo ano de 1932, comandada pelo Tenente Agenor Lafayette, cuja sede foi saciada com a água do velho cata-vento. Na manhã do dia seguinte foi uma disenteria coletiva, todos os soldados foram acometidos de desarranjo intestinal, pois a água com alto teor de magnésio serviu como laxante. Foi a partir desse episódio "bostífero" que o Dr. Alcindo descobriu a riqueza que emerge das entranhas de uma densa camada de calcário e magnésio, uma água com a mesma composição da magnesiana de Vichy, na França.<sup>24</sup>

O local foi batizado de "Parque das Águas", e construído no mesmo um balneário em

---

<sup>23</sup> Sevy Falcão, monteirense e defensor das tradições e da cultura monteirense, hoje reside em João Pessoa, mas mantém uma coluna no site Vitrine do Cariri. As informações sobre o Grande Hotel e a fonte de água magnesiana estão disponíveis em:

<[http://www.vitrinedocariri.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=23111](http://www.vitrinedocariri.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=23111)>. Acesso em 04 de dez. de 2010.

<sup>24</sup> Fala do senhor Sevy Falcão. Disponível em:

<[http://www.vitrinedocariri.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=23111](http://www.vitrinedocariri.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=23111)>. Acesso em 04 de dez. de 2010.

pleno centro da cidade para atender os enfermos que procuravam a cura na fonte da água milagrosa, os detalhes da construção é descrito por Aldo Falcão em seu livro “A cidade de Monteiro”:

Parque das Águas – logradouro público, em pleno coração da cidade, onde existe um poço tubular perfurado pela prefeitura, com cata-vento, produzindo água magnesiana.

A municipalidade construiu no local um balneário constituído de quatro banheiros de mosaico e azulejo, funcionando diariamente. Na área ocupada pelo parque fica o Grande Hotel, suntuoso edifício em estilo californiano. (FALCÃO, 1976, p. 32-33).

Abaixo podemos ver nas imagens 17 e 18 a atual situação do local que já foi o parque das águas. E nas imagens 19 e 20 a maquete da nova construção do Parque das Águas, o qual já teve suas obras iniciadas.



Imagem 17: Arraial Zé Marcolino localizado no Parque das Águas. Fonte: arquivo da prefeitura municipal.



Imagem 18: local onde fica situado o poço de água magnesiana do Parque das Águas. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 19: maquete da entrada do Parque das



Imagem 20: maquete da fonte de água magnesiana. Fonte:

Águas. Fonte: arquivo da prefeitura municipal. arquivo da prefeitura municipal.

Na época da descoberta da água magnesiana, viu-se a necessidade da construção de um hotel para receber os turistas que vinham em busca da cura. Nessa época ganha vida um daqueles que viria a ser um dos maiores símbolos da arquitetura da cidade, o Grande Hotel, um suntuoso edifício de dois pavimentos construído em “estilo californiano”.<sup>25</sup>

Em 1960, quase dez anos depois da descoberta da fonte de água magnesiana é que o hotel começa a funcionar através de um contrato de arrendamento pactuado entre o Estado e D. Inácia Guerra, mas sem os recursos necessários para dar maior visibilidade a água magnesiana, que viria a dar vida funcional ao Grande Hotel, o estabelecimento foi desativado em 1991, sendo cedido a prefeitura que disponibilizou o hotel a secretaria de saúde do município para servir de alojamento aos funcionários do município que moravam em outras cidades.



Imagem 21: vista lateral da construção do Grande Hotel em 1941. Fonte: arquivo do Museu Histórico de Monteiro.



Imagem 22: vista do Grande Hotel concluído. Fonte: arquivo do Museu Histórico de Monteiro.

<sup>25</sup> O estilo californiano evoca a travessia dos espanhóis rumo a colonização americana nos anos seicentistas. O Californiano não é um estilo puro, sofreu influências desde a época da colonização espanhola até os anos de 1930. Nesta época a indústria cinematográfica americana estava em efervescência e os astros “holliwoodianos” escolhiam os projetos de suas mansões optando pela arquitetura historiografada que evocasse os grandes acontecimentos épicos do país, ressurgindo-se assim, a releitura do estilo. Disponível em: <<http://www.acidadepinhal.com.br/constantas/anteriores/845/cardeais.htm>>. Acesso em 03 de mar. de 2011.



Imagem 23: foto atual do Grande Hotel. Fonte: arquivo da prefeitura municipal.



Imagem 24: Foto do cata-vento onde fica o poço de água magnesiana. Fonte: Museu Histórico de Monteiro.

Após desavenças entre o poder municipal e o poder estadual, no final de 2010 o Grande Hotel foi retomado pelo governo do estado e seus ocupante despejados. Logo após a desocupação o prédio foi cedido a Justiça Federal e hoje se encontra abandonado aguardando seu destino. Sobre o mesmo e seu destino nos fala o senhor Nelson Mota Júnior, diretor do Museu Histórico de Monteiro:

É vergonhoso que um prédio como o Grande Hotel que faz parte da história da cidade, seja entregue a um órgão federal, unicamente por picuinhas políticas, quando este poderia está sendo usado em benefício da cultura da cidade, como a criação de um centro cultural, antiga idéia que até o momento não ganhou vida.<sup>26</sup>

Segundo o Relatório de Inspeção Técnica da Superintendência do IPHAN na Paraíba, realizado entre os dias 18 e 20 de maio de 2010, o Grande Hotel, assim como outros edifícios do centro histórico de Monteiro, passam por eventuais processos de perda de referências culturais significativas para a história do município. As recomendações para os problemas apontados no relatório foram a realização de ações mais incisivas por parte do Poder Público municipal e regional, como podemos ver neste fragmento do relatório do IPHAN enviado ao município:

Neste contexto, é recomendado, como estratégia de ação prioritária para o casario tradicional do centro histórico de Monteiro:

- Inventário e tombamento pela Prefeitura Municipal, dos bens culturais que compõem Conjunto Edificado do Centro Histórico de Monteiro.
- Elaboração, pela Prefeitura Municipal, de legislação de tombamento de imóveis do Centro Histórico de Monteiro, em consonância com a legislação federal

<sup>26</sup> Entrevista realizada com o senhor Nelson Mota Junior no dia 14 de dez. de 2010.

(Decreto-Lei nº. 25, de 30 d3 novembro de 1937) e estadual de proteção de bens de cultura;

- Recomenda-se que o tombamento isolado de bens contemple edifícios já apontados em documentos da Prefeitura Municipal como relevantes do ponto de vista histórico-nacional:

- Igreja Matriz de nossa Senhora das Dores;
- Igreja Presbiteriana;
- Escola Miguel Santa Cruz;
- Grande Hotel;
- Prefeitura Municipal;
- Colégio Nossa Senhora de Lourdes;
- Açougue Público;
- Chafariz Público;
- Mercado Público;
- Teatro Jansen Filho.<sup>27</sup>

Ainda segundo o relatório do IPHAN, tanto o Grande Hotel, como os demais bens patrimoniais citados a cima devem passar por medidas de proteção não só através dos órgãos municipais como também pelo próprio IPHAN, como pode ser visto em outro trecho do relatório do Instituto:

Estudo técnico, inventário e estabelecimento de perímetro para tombamento e perímetro de entorno do Conjunto Edificado do Centro Histórico de Monteiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), atendendo a um pleito da Prefeitura Municipal e tendo em vista a significação cultural e histórica do casario edificado, tanto no tocante ao traçado urbano, as praças e logradouros públicos, quanto à arquitetura remanescente.<sup>28</sup>

Apesar das recomendações feitas pelo IPHAN, através do seu relatório de inspeção, ainda não foi tomada nenhuma providência a cerca de qualquer intervenção para salvaguarda ou mesmo nas estruturas do Grande Hotel que se encontra em estado deplorável.

### 3.3.2. O São João de Monteiro: memória e tradição.

O aparecimento e a consolidação da cidade de Monteiro como uma “cidade de cultura”, para além de suas fronteiras, e a utilização de *táticas* específicas para esse fim, são

<sup>27</sup> Trecho do Relatório Descritivo – Fotográfico de Inspeção Técnica, realizado pelo IPHAN, na cidade de Monteiro, para efeito de cadastramento e posterior tombamento de dez edifícios no centro histórico da cidade.

<sup>28</sup> Trecho do Relatório Descritivo – Fotográfico de Inspeção Técnica, realizado pelo IPHAN, na cidade de Monteiro, para efeito de cadastramento e posterior tombamento de dez edifícios no centro histórico da cidade.

apontados através do nosso estudo, como tendo início no ano de 1998. Segundo a população monteirense o marco principal dessa visibilidade da cidade se deu a partir das festividades realizadas no mês de junho. Como nos conta o senhor Eliomar, funcionário da Secretaria de Cultura de Monteiro e freqüentador assíduo das festas juninas monteirenses:

Lembro que em Monteiro sempre se comemorou as festas juninas, São João e São Pedro sempre foram festejados com direito a forró, fogueira e quadrilha pra o povo ver e dançar. As pessoas da cidade se juntavam com os parentes que moravam fora e vinham passar as férias em Monteiro, e era aquela festança. Mas festa grande mesmo que juntasse muita gente de fora, começou mesmo com o primeiro mandato de Batinga. Foi nessa época também que o cantor Flávio José começou a ganhar destaque nacional, então as festas eram sempre encerradas com ele. Logo depois começam a ganhar destaque outras bandas como Magníficos, que também se apresentavam no São João da cidade. E como eram bandas conhecidas, as festas juninas da cidade, que eram praticamente só dos monteirenses, começaram a ganhar destaque na região e a atrair mais e mais visitantes.<sup>29</sup>

Quando o entrevistado destaca o primeiro mandato do prefeito Batinga, ele se refere ao período entre os anos 1996 e 2000, os quais correspondem respectivamente ao primeiro mandato do então prefeito Carlos Batinga. Através do depoimento do entrevistado, podemos perceber algumas mudanças na tradicional festa junina da cidade. Percebemos que nesta, começam a ser usadas certas *táticas*, se contrapondo as estratégias do espaço da festa.

Dentre as *táticas* podemos identificar aquelas desenvolvidas no espaço da festa, que antes se constituía num espaço próprio da tradicional festa junina, começa a ocorrerem mudanças, como o acréscimo ou a modificação de certos elementos. Elementos estes, de acordo com nossa pesquisa, que foram acrescentados ou modificados com o intuito de chamar a atenção de novos olhares para o evento. Neste caso as *táticas* utilizadas foram a inserção de bandas musicais que possuem certo destaque na mídia, e que passam a serem utilizadas, com o intuito de trazer essa visibilidade também para a festa da cidade e consequentemente para a própria cidade. Sobre essa época nos fala ainda o senhor Rivelino Neves Rafael, ex-secretário de cultura da cidade de Monteiro:

Com relação ao São João, antes era realmente mais acanhado e Batinga conseguiu dá uma projeção, conseguiu botar na mídia, que antes não tinha isso né. Já havia o São João como todo ano se fazia, de certo modo até, mas também não era ruim tinha umas atrações boas, não tão conhecidas, mas de qualidade boa. Mas não era divulgado lá fora. Então, quando Batinga veio, tinha essa experiência administrativa e marketing, e usou a mídia favorável pra trazer e aumentar essa projeção. E aí, aumentou o número de artistas e de qualidade também.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Entrevista realizada com o senhor Eliomar Inácio de Souza no dia 10 de abril de 2011.

<sup>30</sup> Entrevista realizada com o senhor Rivelino Neves Rafael no dia 14 de abril de 2011.

De acordo com a concepção Certeuniana de *táticas*, as quais se utilizam de um espaço ou lugar demarcado pelas *estratégias*, para desenvolver outras maneiras de fazer, que não sejam específicas do lugar utilizado, percebemos que no fragmento acima, o então citado Batinga, utilizou-se destas *táticas* no momento propício, para dá início a um movimento que viria a projetar a cidade na mídia local. Utilizando-se do lugar das *estratégias*, que era o São João na versão mais tradicional, de acordo com os preceitos do local, ele transformou esse lugar em espaço das *táticas*, à medida que deu início a monumentalização dessa tradição em vista da obtenção de espaço na mídia. Segundo Certeau (2007) o cotidiano reveste-se de *táticas* que burlam o tempo inteiro as *estratégias* criadas pela sociedade. Sendo assim a *tática* é:

a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A *tática* não tem por lugar se não o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (Certeau. 2007, p. 100)

O São João, este *lugar* das festividades tradicionais da cidade de Monteiro, passa a ser o *espaço* no qual a cidade inicia sua trajetória de destaques na mídia local, como sendo uma cidade de cultura. Certeau (2007) distingue *lugar* de *espaço*. Segundo o autor:

Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um *lugar* é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma condição de estabilidade. (CERTEAU, 2007, p.203).

Já o *espaço*, segundo Certeau (2007), seria um “*lugar praticado*” e móvel dentro do lugar. Assim o *espaço*, “Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um ‘próprio’”. (CERTEAU, 2007, p. 202).

Para a abertura desse *espaço*, foram feitos investimentos não só em atrações de renome nacional como o depoente nos fala, mas também se investiu muito em divulgação impressa, sonora e virtual. Fato este que vem acentuando-se cada vez mais com o passar dos anos. Como pode ser observado nos cartazes a baixo:





Imagem 25: Cartaz do São João 2007. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 26: cartaz São João 2010. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Observando as imagens anteriores, percebemos certa diferença no enfoque trabalhado em cada época. No primeiro cartaz são retratados algumas das principais tradições da cultura popular nordestina, já no segundo, é observada uma clara idealização a monumentalização do São João, enfocando outros segmentos culturais e artistas conhecidos nacionalmente como *tática* para chamar a atenção da mídia.

Ainda se falando do São João de Monteiro e sua relação com a emergência da cidade nos veículos midiáticos, o senhor Sebastião César da Silva Lima, diretor do Teatro Municipal Jansen Filho, que vivenciou todo o período de São João estudado em nosso recorte (1998-2011), diz que esse espaço que a cidade vem ganhando na mídia em relação ao seu patrimônio cultural é mais que merecedor. Destaca ainda destaca alguns grupos de cultura oral como sendo os maiores responsáveis por esse destaque. César, como é conhecido na cidade, divide esse momento em que a cidade começa a ganhar destaque na mídia nacional em três momentos. Segundo o mesmo:

Houve um movimento em Monteiro com Batinga que fugiu um pouco das tradições juninas, depois com o trabalho que houve em cima da Secretaria de cultura que deu uma cobrança para trazer o tradicional, o São João tradicional, o forró pé de serra que é autêntico aqui na época do São João e tava sumindo. Ai conseguiram trazer, novamente, esse movimento aqui para o São João. E agora novamente, tava fugindo, infelizmente ainda ta fugindo das tradições do forró pé de serra. Muitas pessoas vinham de fora pra cá na época do São João, justamente por conta do diferencial que existia que era essa questão do forró pé de serra.. E aos poucos esta sendo tirado novamente da programação das festas juninas, então eu acho que há um grande afastamento novamente. Então houve um avanço, ai depois houve novamente aquela parada, ai houve outro avanço, ai ta voltando pra ter isso novamente. Então tem que

se ter cuidado.

Observamos no depoimento do entrevistado um alerta e certo cuidado com as mudanças que vem sendo aplicadas na festa de São João, o que pode implicar na descaracterização dessa tradição.

Hoje o São João da cidade é destaque em vários veículos da mídia local que vão desde anúncios e propagandas em vários jornais, sites da internet, rádio e televisão.

### **3.3.3. A criação da Secretaria de Cultura de Monteiro como forma de incentivar e legitimar a cultura da cidade.**

Como era de se esperar, dos anos iniciais, até os dias de hoje, dessa jornada pela qual a cidade de Monteiro vem se mostrando e sendo vista, através dos veículos midiáticos, como sendo uma “cidade de cultura”, várias transformações ocorreram. Transformações estas que estão ligadas não só ao patrimônio cultural, que é mostrado e visto através da visão dessa mídia, como também as transformações ligadas aos/dos meios e órgão de apoio a esse patrimônio e conseqüentemente a essa emergência da cidade na mídia através do seu patrimônio cultural.

Entre as mudanças apontadas ligadas aos órgãos que possibilitaram, ou ao menos ajudaram a possível emergência da cidade de Monteiro na mídia, esta a criação da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo – SECET do município, a qual foi sancionada através da lei municipal nº. 1.438/2005 em 22 de dezembro de 2005. Após a sanção da lei 1.438/2005, passa à responsabilidade da secretaria os seguintes órgãos e unidades:

#### 4.2. SECRETARIA DA CULTURA, ESPORTES E TURISMO — SECET

- 4.2.1. Nível de Direção Superior
  - 4.2.1.1. Secretário da Cultura, Esportes e Turismo.
- 4.2.2. Nível de Aconselhamento
  - 4.2.2.1. Conselho Municipal de Cultura
- 4.2.3. Nível de Execução
  - 4.2.3.1. Departamento de Cultura e Turismo
    - 4.2.3.1.1. Divisão de Cultura
      - 4.2.3.1.1.2. Museu Histórico de Monteiro
    - 4.2.3.1.2. Divisão de Turismo e Eventos
  - 4.2.3.2. Departamento de Esportes
    - 4.2.3.2.1. Divisão de Esportes
- 4.2.4. Administração Fundacional.
  - 4.2.4.1. Fundação Casa da Cultura Jayme Bezerra de Menezes.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Dados obtidos nos arquivos do gabinete da prefeitura municipal de Monteiro em 20 de abril de 2011.

Com a criação da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, que antes não passava de um departamento, o qual respondia a Secretaria de Educação, a cultura da cidade, e conseqüentemente o patrimônio cultural que esta forma, passa a ganhar um maior incentivo. Com a autonomia da Secretaria de Cultura e com os recursos destinados a cultura, passa a haver um maior investimento no setor cultural principalmente no que se refere aos grupos da cultura popular. Nesse período percebe-se certa valorização desses grupos que começam, também, a ganhar destaque na mídia local e nacional. Segundo o senhor Rivelino Neves Rafael, com a criação da Secretária de Cultura, tais grupos ganharam certo destaque, o que antes não era visto.

Era pouco recurso, mas na cultura em todos os locais é assim, não é diferente, aí vai da criatividade de cada um poder tocar o barco e poder realizar. Mas sem dúvida houve um avanço muito grande. A cidade na gestão de Lourdinha teve uma projeção muito grande em termo de cultura. As parcerias que foram feitas com o SESC e com a FUNJOPE deram muita projeção pra Monteiro. Assim quando se falava em cultura fora, dentro da Paraíba Monteiro era uma referência nesse aspecto. Tava com uma movimentação muito boa, com muitos projetos em andamento em vários segmentos, não apenas ligados a cultura popular, nem ao São João. Era o cinema, era o teatro, era capacitação em diversos segmentos, era um conjunto de coisas que dava essa visibilidade.<sup>32</sup>

Abaixo, podemos observar alguns dos grupos de tradição oral que ganharam destaque durante esse período:



Imagem 27: Zabé da Loça no Balaio do Patrimônio (2010). Fonte: arquivo pessoal do fotógrafo Asley Ravel.



Imagem 28: Coco de roda Quitéria Norberto no I Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano. Fonte: arquivo pessoal do fotógrafo Asley Ravel.

<sup>32</sup> Entrevista realizada com o senhor Rivelino Neves Rafael em 14 de abril de 2011.



Imagem 29: Mazurca Santa Catarina (Monteiro-Pb) do mestre Zé Preto na Festa das Neves em João Pessoa (2008). Fonte: arquivo pessoal do senhor Rivelino Neves Rafael.



Imagem 30: Banda de Pífano do Auto São Vicente (Monteiro-Pb). Apresentação no II Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano (2011). Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Segundo Parafita<sup>33</sup> (2005), a tradição oral pode ser definida como:

É a transmissão de saberes feita oralmente, pelo povo, de geração em geração, isto é, de pais para filhos ou de avós para netos. Estes saberes tanto podem ser os usos e costumes das comunidades, como podem ser os contos populares, as lendas, os mitos e muitos outros textos que o povo guarda na memória (provérbios, orações, lengalengas, adivinhas, cancioneiros, romanceiros, etc.). Também são conhecidos como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles cada povo marca a sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural. (Parafita, 2005, p. 30).

Entre as ações desenvolvidas pela Secretária de Cultura como *tática* a destacar a cultura da cidade, foi lançado há época da sua criação, em 2005, o slogan “Cidade de cultura”, o qual começou a ser utilizado pela cidade em substituição a um slogan anterior “Cidade do forró”, o qual era utilizado frequentemente para se referir a musicalidade do município. O novo slogan “Cidade de cultura” foi criado, segundo o senhor Rivelino, a partir de um consenso de que “a cultura de Monteiro não era apenas o forró, a cultura de Monteiro era muito mais ampla, ai optou-se não por ‘cidade do forró’, mas ‘cidade de cultura’, porque o forró é um elemento da nossa cultura, mas não é o todo.”<sup>34</sup>

A criação do slogan “Cidade de Cultura”, como forma de dar destaque ao patrimônio cultural da cidade de Monteiro, só veio a reforçar ainda mais a imagem da cidade na mídia local como sendo uma cidade de cultura, pois durante essa época eram constantes as entrevistas em rádios locais, de integrantes da Secretaria de Cultura divulgando o slogan.

Posteriormente, com a atual administração da prefeita Edna Henrique, foi criado um

<sup>33</sup> Alexandre Parafita é um escritor português, com extensa obra publicada sobre o patrimônio e tradição oral portuguesa, bem como no domínio da literatura infanto-juvenil. Professor universitário é doutor em Cultura Portuguesa e mestre em Ciências da Comunicação (especialidade de Antropologia da Comunicação).

<sup>34</sup> Entrevista realizada com o senhor Rivelino Neves Rafael em 14 de abril de 2011.

novo slogan que também enfoca a raiz cultural da cidade de Monteiro, desta vez com a frase “Cidade que encanta em prosa e verso”. Abaixo, podemos observar os dois slogans criados com o intuito de divulgar ainda mais o caráter cultural da cidade.



Imagem 31: Slogan “Monteiro cidade de cultura”, criado na época da criação da Secretaria de cultura. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 32: Slogan “Monteiro cidade que encanta em prosa e verso”, criado na atual administração. Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Outra *tática* utilizada pela cidade de Monteiro que marcou a cultura da mesma e seu patrimônio cultural foi mais uma mudança na Secretaria de Cultura, o principal órgão do município que luta pelo destaque do segmento. Mudança esta que se mostra em grande parte favorável para a cultura e o patrimônio cultural da cidade.

Em 2009, com a lei nº.1.582, ocorre a desvinculação da Secretaria de Cultura e o Departamento de esportes, o qual passa a ter sua própria secretaria. Com essa nova mudança na estrutura administrativa da prefeitura a antes Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, passa a se chamar apenas Secretária de Cultura e Turismo compreendendo os seguintes órgãos e unidades:

#### VIII – SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO

- 8.1. Secretário;
- 8.2. Diretoria de Cultura;
- 8.2.1. Setor da Fundação Casa da Cultura Jayme Bezerra de Menezes;
- 8.2.2. Setor do Centro Cultural Alexandre da Silva Brito;
- 8.2.3. Setor de Artes;
- 8.2.4. Setor de Manutenção de Repetidora;

8.3. Diretoria de Turismo;  
8.3.1. Setor de Eventos Festivos e Turísticos;<sup>35</sup>

Hoje, segundo o atual secretário de cultura José Edcarlos de Farias Fernandes, essa nova reestruturação da Secretaria de Cultura, é vista de forma positiva para o desenvolvimento da cultura do município. Segundo o secretário:

Essa separação do Departamento de Esportes só veio a ajudar no desenvolvimento de ambos. O Departamento de Esportes, assim como foi no passado com a Secretaria de Cultura, passa a ter autonomia para realizar seus trabalhos e passa a possuir uma verba própria. E a Secretaria de Cultura ganha mais tempo e disponibilidade para cuidar do setor de eventos voltados para uma maior valorização da cultura do município.<sup>36</sup>

Uma *tática* utilizada pela Secretaria de Cultura para divulgar ainda mais o patrimônio cultural da cidade na mídia, foi a criação e implantação de um extenso calendário de eventos voltados a destacar o patrimônio cultural da cidade. Calendário este que passa a ser distribuído gratuitamente entre os visitantes do município e enviado a diversas entidades e órgãos através dos correios, na forma de folder com a história do município e com várias ilustrações alusivas aos eventos e ao patrimônio cultural da cidade. Entre os eventos divulgados no folder destacam-se:

Janeiro: festival de Cultura Popular – Zabé da Loca.  
Fevereiro: Carnaval.  
Abril: Encenação da Paixão de Cristo; Encontro da Consciência Cristã.  
Junho: Festival de Violeiros; Forró Fest; São João.  
Setembro: Exposição e Feira de Animais; Festa da Padroeira.  
Novembro: Encontro de Motociclistas  
Dezembro: Cantada de Natal; Espetáculo Natalino Jesus Cristo.<sup>37</sup>

Nas imagens a seguir, de alguns desses folder's cedidos pela Secretaria de Cultura, podemos observar algumas dessas imagens alusivas ao patrimônio cultural da cidade:

---

<sup>35</sup> Dados obtidos nos arquivos do gabinete da prefeitura municipal de Monteiro em 20 de abril de 2011.

<sup>36</sup> Entrevista realizada com o senhor José Edcarlos de Farias Fernandes em 14 de abril de 2011.

<sup>37</sup> Fonte: folder disponibilizado pela secretaria de Cultura da cidade de Monteiro.



Imagem 33 destacando: a pifeira Zabé da Loca; a Praça João Pessoa; o cantor Flávio José; a zona rural do município; um casario antigo; a igreja matriz; a prática do hapel; A grande Ceia e a Filarmônica Municipal. Fonte: arquivo da Secretaria de Cultura.



Imagem 34 destacando: a pifeira Zabé da loca; a prática do rapel na Serra do Peru; a paisagem natural típica da região e vários casarios antigos. Fonte: arquivo da Secretaria de Cultura.

Como novas táticas empregadas para dar visibilidade da cidade nos meios midiáticos, a atual administração vem investindo pesado em divulgação do patrimônio cultural da cidade exemplo disso é o Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca, que vem sendo realizado e já passou pela segunda edição. Durante a realização do evento o público pode assistir a várias apresentações dos mais diversos grupos da cultura popular, além de poderem participar de oficinas, conhecerem o artesanato e a gastronomia local, e assistirem a mostras de teatro, dança e exposições.

O Festival, apesar de ser um evento novo, vem alcançando destaque na mídia nacional devido à variedade de manifestações da cultura popular que nele se apresentam e ao próprio nome que este carrega, “Zabé da Loca”, que já é sinônimo de cultura popular por onde quer que passe.

O evento tem como proposta homenagear, em cada uma das suas edições, um artista diferente da Cultura Regional. O primeiro evento teve como homenageada a própria Zabé da Loca que dá nome ao Festival. Já na segunda edição o homenageado foi o compositor Ilmar Cavalcante.<sup>38</sup> A baixo podemos ver as imagens dos cartazes do primeiro e do segundo evento já realizados.

<sup>38</sup> Ilmar Cavalcante é um compositor monteirense que tem várias músicas gravadas por diversos cantores da região do cariri paraibano.



Imagem 35: Folder do primeiro Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca. Fonte: arquivo da Secretaria de Cultura.

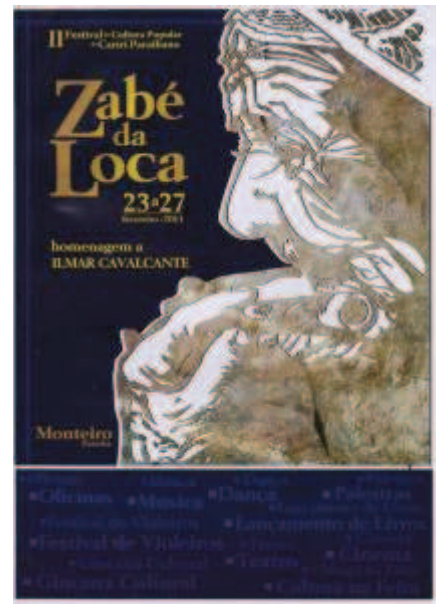


Imagem 36: Folder do II Festival de Cultura Popular do Cariri Paraibano Zabé da Loca. Fonte: arquivo da Secretaria de Cultura.

O que percebemos é que através de uma verdadeira operação realizada *golpe por golpe, lance por lance*, meios comuns às *táticas* definidas por Certeau (2007), aproveitando pequenos espaços em meios aos eventos realizados em detrimento do patrimônio cultural da cidade, Monteiro vem conseguindo ganhar destaque na mídia regional como sendo uma cidade de cultura, e ao mesmo tempo fazer com que sua gente se identifique e conheça essa cultura.



### 3.4. O monteirense e o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural da cidade.

Monteiro é uma cidade que tradicionalmente é rica, independente de período. Historicamente é uma cidade formada por pessoas de famílias tradicionais, isso faz com que a cidade seja um pouco preconceituosa, o lado tradicional. Mas que historicamente há uma cidade que tem influência de grandes cidades como Recife. Os pais dos estudantes de um século atrás mandavam seus filhos estudarem em Recife, onde adquiriam conhecimento e voltavam pra cá, não só com a formação de farmacêutico, de médico, de professor, mas também com uma influência cultural que Pernambuco sempre teve muito forte. Então é uma cidade que historicamente tem essa veia cultural.<sup>39</sup>

Sabemos que a população monteirense apresenta-se, na região do Cariri Paraibano, como sendo um povo que, acima dos demais habitantes da região, valoriza sua cultura e suas tradições. Partindo deste pressuposto e de acordo com as necessidades do nosso trabalho em identificarmos a veracidade desta informação, fizemos no mês de janeiro de 2011, uma pesquisa inicial com uma amostra da população da cidade. Nesse trabalho, optamos de início, pela pesquisa qualitativa.

Para a realização da pesquisa procuramos seguir os passos traçados por Minayo (2004), principalmente no que se refere a amostragem, já que a pesquisa qualitativa apesar de não exigir uma grande amostragem, é preciso que o pesquisador tenha a preocupação com o grupo a ser observado, posto que este precisa ter o *conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa*. De acordo com a autora:

A pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (MINAYO, 2004 p. 26 apud. THIOLENT, 1986)

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa achamos por bem iniciarmos nosso trabalho com realizadas de conversas e entrevistas sobre o tema que viria a ser tratado. Em seguida, percebemos que se fazia necessário também, a realização de uma abordagem quantitativa, a qual foi realizada com a mesma amostra já pesquisada. Nesta segunda fase foi aplicado um questionário temático, com o objetivo de facilitar a coleta e a análise dos dados a serem estudados. Desta forma foi possível esboçar através de gráficos o resultado da pesquisa.

Devido a pesquisa abranger a população de Monteiro como sendo o grupo social a ser trabalhado, a pesquisa se deu de formar a abranger vários sujeitos da sociedade. Entre o perfil

---

<sup>39</sup> Entrevista realizada com o senhor Rivelino Neves Rafael em 14 de abril de 2011.

dos entrevistados podem ser destacados desde funcionários públicos e trabalhadores do setor privado, estudantes universitários e de nível médio, a donas de casa e aposentados. A decisão de escolhermos estes grupos se deu a partir do pressuposto de que a população não se compõe de um grupo específico, mas sim de uma diversidade e como segundo Minayo (2004), na pesquisa qualitativa se faz necessário “*privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer*”, se faz necessário contemplarmos essa diversidade.

Com o objetivo de verificarmos se a população monteirense realmente tem conhecimento e valoriza o patrimônio cultural da cidade, tanto quanto é repassado na região. E ainda, de como este está sendo associado a sua identidade através dos veículos midiáticos, foi aplicado um questionário a uma amostra de 30 pessoas.

De acordo com as respostas obtidas através do questionário aplicado obtivemos os seguintes resultados:

Ao serem interrogados a cerca do acesso que têm aos veículos midiáticos como televisão, revista, jornais ou internet obtivemos a seguinte resposta:

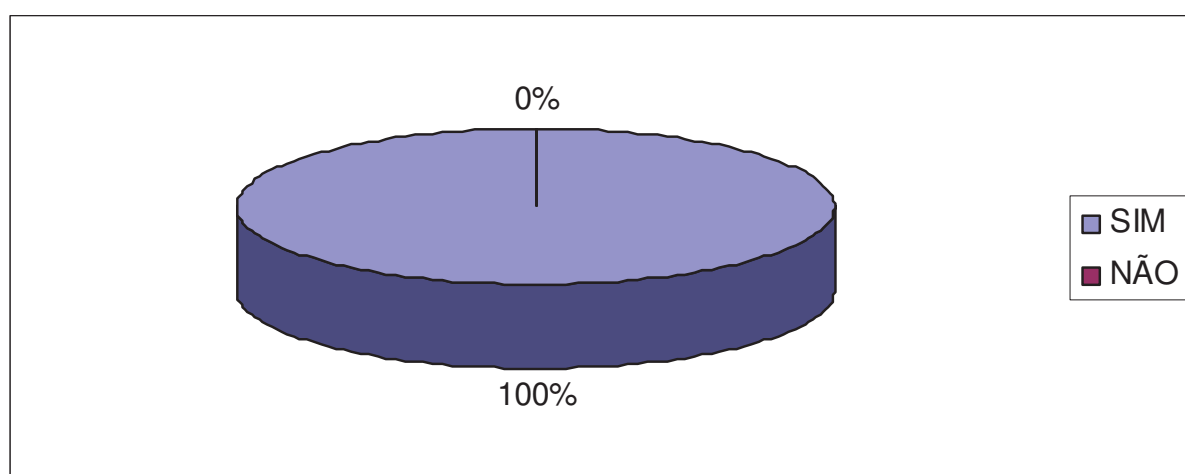


GRÁFICO I – Acesso da população a veículos midiáticos como televisão, revista, jornal ou internet.

Como é possível verificar no gráfico um (1), todos os participantes analisados tem acesso aos veículos midiático. Portanto, todos estão aptos a opinar sobre a emergência da cidade como sendo uma “cidade de cultura” na mídia local. Monteiro.

Ao serem indagados se tem acompanhados as notícias referente a cidade em algum dos veículos midiático que eles tem acesso, os monteirenses deram a seguinte resposta:

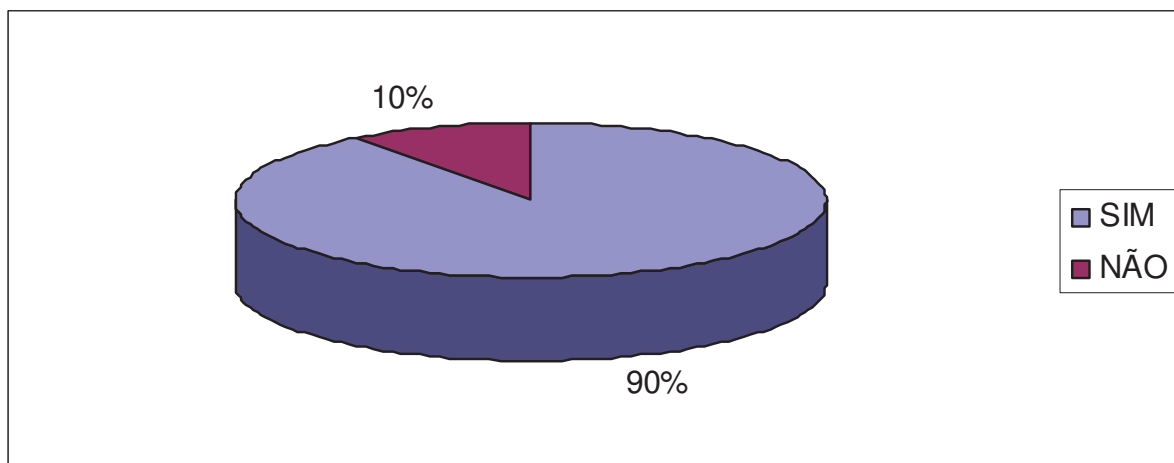


GRÁFICO 2 – Acompanhamento das notícias referente a cidade de Monteiro nos veículos midiático por parte da população.

Observando o gráfico acima, é possível verificar que 90% (noventa por cento) dos entrevistados vêm as notícias a cerca da cidade de Monteiro. Conseqüentemente a quase totalidade dos entrevistados estão informados de como a cidade é mostrada pela mídia.

Ao serem interrogados a respeito do destaque da cidade na mídia em relação ao seu patrimônio cultural, os monteirenses deram a seguinte resposta:

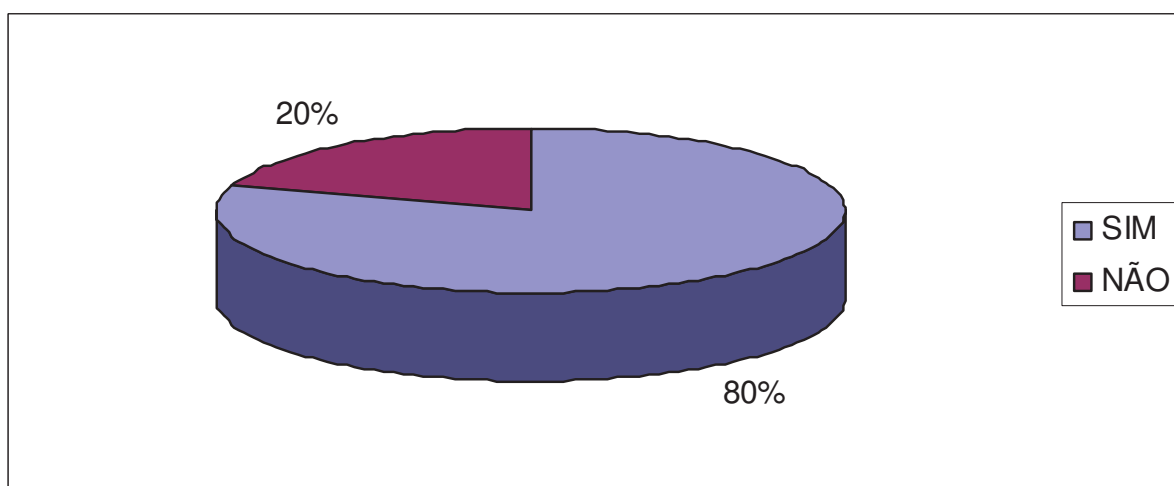


GRÁFICO 3 – Observação ao destaque das notícias referentes ao patrimônio cultural da cidade.

Ao observarmos o gráfico três (3), percebemos que 80% dos entrevistados, atentam ao fato de que a maioria das notícias estão relacionadas ao patrimônio cultural da cidade.

Quando pedimos a opinião do monteirense a cerca da valorização da cultura local por sua gente, obtivemos as seguintes respostas:

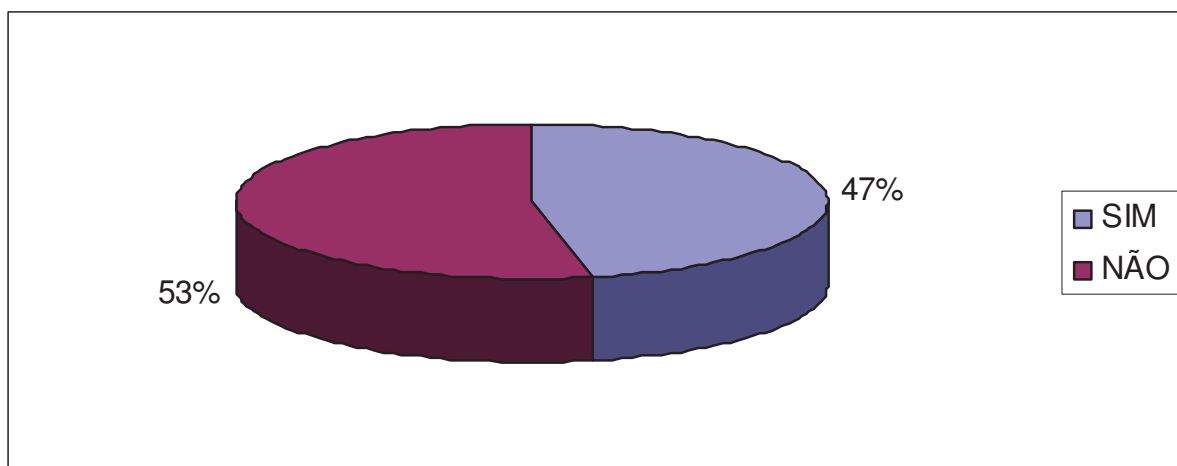


GRÁFICO 4 – Opinião dos monteirenses a respeito da valorização do patrimônio cultural por sua gente.

De acordo com as representações do gráfico quatro (4), percebemos que 53% (cinquenta e três por cento) dos monteirenses entrevistados acham que a cultura monteirense não é valorizada pela sua gente.

Ao perguntarmos aos monteirenses se eles se definiriam como sendo pessoas conhecedoras e valorizadoras da cultura da cidade obtivemos as seguintes respostas:

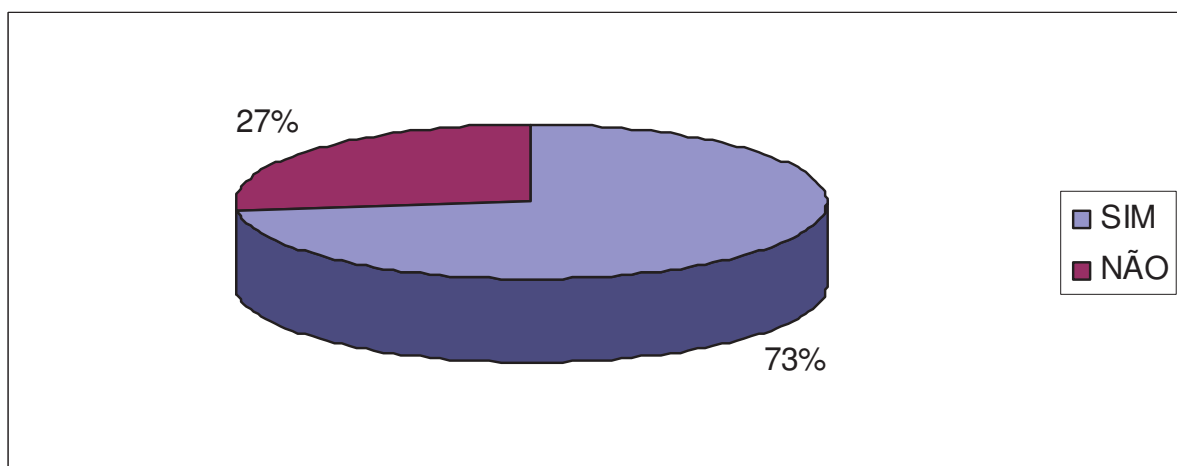


GRÁFICO 5 – Auto-definição da população a cerca do seu conhecimento da cultura e da valorização desta.

Um fato interessante a ser observado em nossa pesquisa é que, apesar dos monteirenses acharem que os outros membros da população não valorizarem o patrimônio cultural da cidade (ver gráfico 4), vemos que estes, como pode ser visto no gráfico cinco (5), se auto-definem como valorizadores desse patrimônio. O que nos mostra que a maioria dos entrevistados valorizam tanto o patrimônio da cidade, que acabam cobrando dos outros que também o valorizem. Cobrança esta que chega ao ponto de cada um achar que apenas ele

próprio dar o devido valor as “coisas da cidade”.

Por último e para medir o conhecimento dos monteirenses em relação ao patrimônio da cidade pedimos a estes que identificassem em um quadro algumas das possíveis manifestações culturais que integram o panorama cultural da cidade.

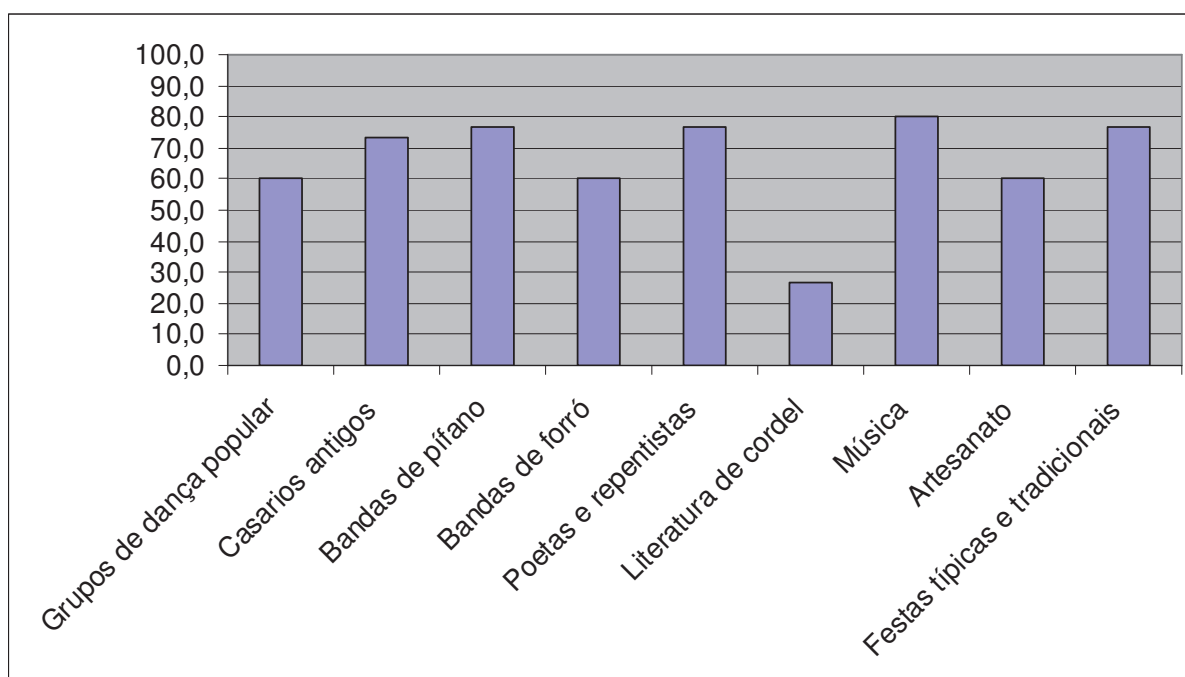


GRÁFICO 6 – possíveis manifestações do patrimônio cultural monteirense a serem destacadas pela população

De acordo com as respostas dos entrevistados, representadas no gráfico seis (6), é possível verificar que a grande maioria dos monteirenses destacam justamente os elementos que compõem o patrimônio local. Destes, 76,7 % (setenta e seis vírgula sete por cento) dos entrevistados reconhecem as bandas de pífano, os poetas e repentistas e as festas tradicionais como integrantes do panorama cultural monteirense. Já 73,3 % (setenta e três vírgula três por cento) dos entrevistados reconhecem como integrantes desse panorama, também, os casarios antigos. 80% (oitenta por cento) reconhecem a música como um segmento da cultura da cidade e 60 % (sessenta por cento) dos entrevistados reconhecem os grupos de dança, as bandas de forró, e o artesanato como integrantes do panorama cultural monteirenses.

Quanto as manifestações culturais que não fazem parte do panorama cultural da cidade, neste caso o cordel, apenas 26,7 % (vinte e seis vírgula sete por cento) dos entrevistados destacou-na como sendo integrante deste panorama. O que nos leva a entender que os monteirenses possuem um bom conhecimento do patrimônio cultural da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos identificar como se deu a emergência da cidade de Monteiro-PB na mídia local como sendo uma “cidade de cultura”, entre os anos de 1998 a 2011. Para isto procuramos avaliar qual o papel do patrimônio cultural da cidade neste processo de contínuas aparições da cidade nos veículos midiáticos.

Outro ponto analisado foi a participação e o reconhecimento da população local desta “Monteiro de cultura” retratada pela mídia, ou seja, se essa população se ver como um habitante de uma cidade de cultura.

Como vimos que estaríamos trabalhando diretamente com o patrimônio cultural da cidade, no decorrer da nossa pesquisa se fez necessário entender como se deu a evolução do conceito de patrimônio desde o seu sentido original ligado a herança, passando pela idéia de monumento até chegar a sua atual e diversificada abrangência, que vai desde o tangível ao intangível. Após entendermos a evolução do conceito de patrimônio, em seguida fizemos uma breve discussão a cerca do reconhecimento e da normatização do patrimônio cultural no Brasil para posteriormente, chegarmos a conhecer as diversas categorias patrimoniais existentes na cidade de Monteiro.

No entanto, o principal ponto trabalhado em nossa pesquisa foi a emergência da cidade de Monteiro nos veículos midiáticos como sendo uma cidade de cultura, emergência esta que estaria diretamente ligada a seu patrimônio cultural.

Como foi observado, de acordo com nossa pesquisa, o ponto principal trabalhado para a emergência da cidade nos veículos midiáticos esta no seu patrimônio cultural, o qual se apresenta sob diversas categorias que abrangem tanto o tangível como o intangível.

Outro ponto trabalhado em nossa pesquisa foi a forma como o monteirense se apresenta na região do cariri paraibana, o qual é mostrado como um indivíduo que conhece e valoriza sua cultura. Ao investigarmos essa afirmação obtivemos um resultado positivo, pois encontramos um cidadão conhecedor e valorizador da diversidade patrimonial existente na sua cidade.

Com estes resultados pode-se comprovar que a valorização de uma cultura por parte de sua população pode trazer o futuro reconhecimento desta por parte das demais pessoas, pois ao analisarmos a história da emergência da cidade de Monteiro na mídia local, não podemos deixar de observar que o reconhecimento e a valorização do patrimônio cultural da cidade se

deram primeiramente por parte da “sua gente”, para somente depois ganhar o atual reconhecimento que este tem na mídia local.

Neste contexto vale salientar a esperança que esse estudo, primeiramente, venha a contribuir para um maior interesse por se estudar os temas voltados a cultura do local (no caso a cidade de Monteiro), e em segundo lugar para que sirva de incentivo as populações que muitas vezes esquecem o quanto é significativa a cultura de cada um e como essa cultura pode ser reconhecido pelos outros a partir do momento em que nos mesmos a valorize.

**FONTES ORAIS**

FARIAS, J. E. **José Edcarlos de Farias:** depoimento [Abr. 2011]. Entrevistadora: Eusilene Maria Rafael.

JUNIOR, N. M. **Nelson Mota Junior:** depoimento [Abr. 2011]. Entrevistadora: Eusilene Maria Rafael.

LIMA, S. C. S. **Sebastião Cesar da Silva Lima:** depoimento [Abr. 2011]. Entrevistadora: Eusilene Maria Rafael.

RAFAEL, R. N. **Rivelino Neves Rafael:** depoimento [Abr. 2011]. Entrevistadora: Eusilene Maria Rafael.

SILVA, I. P. **Ivan Pereira da Silva:** depoimento [Abr. 2011]. Entrevistadora: Eusilene Maria Rafael.

SOUZA, I. S. **Eliomar Inácio de Souza:** depoimento [Abr. 2011]. Entrevistadora: Eusilene Maria Rafael.



## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genérico e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regia; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 34-48.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar*. Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALEXANDRE, Marcos. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. Comum. Rio de Janeiro – V. 6 – 2001. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>> Acessado em: 16 de maio de 2011.

ALMEIDA, Luiz Fernando de. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Resolução n. 001, de 03 de agosto de 2006. Disponível em: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.

BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In.: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19-32.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf)> Acessado em: 28 de janeiro de 2011.

BRASIL. Decreto 3.551, de 04 de Agosto de 2000. Institui o registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa do Patrimônio Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.

BURKE, Perter. *Cultura popular na idade moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. 13 ed. [Tradução de Ephraim Ferreira Alves]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. [Tradução de Luciano Vieira Machado]. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CHARADEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Contexto, 2006.

FALCÃO, Aldo C. *A cidade de Monteiro*. 1976.

FALCÃO, Sevy. *O Grande Hotel de Monteiro. Vitrine do Cariri*. Paraíba, 21 de agosto de

2009. Disponível em:

<[http://www.vitrinedocariri.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=23111](http://www.vitrinedocariri.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=23111)>. Acessado em 04 de dezembro de 2010.

GODOY, M. do C. Patrimônio cultural: conceituação e subsídios para uma política". In *Anais do IV Encontro Estadual de História: História e Historiografia em Minas Gerais, Belo Horizonte*: ANPUH, 1985.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. [Tradução de Beatriz Sidou]. São Paulo: Centeuro 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IPARAIBA. *TV Cultura exibe série de reportagens sobre a cidade de Monteiro*. 01 de janeiro de 2010. Disponível em:

<<http://www.iparaiba.com.br/noticias,173209,2,tv+cultura+exibe+serie+de+reportagens+sobre+a+cidade+de+monteiro.html>>. Acessado em: 08 de fevereiro de 2011.

JANSEN FILHO – *Monteiro da minha infância*. 1976.

LEMOS, C. A. *O que é patrimônio histórico*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINISTERIO PÚBLICO FEDERAL. *Patrimônio cultural*. Disponível em:

<[http://www.pgr.mpf.gov.br/conheca-o-mpf/publicacoes/folheteria-tematica/09\\_web\\_folheteria\\_patrimonio\\_cultural\\_101.pdf](http://www.pgr.mpf.gov.br/conheca-o-mpf/publicacoes/folheteria-tematica/09_web_folheteria_patrimonio_cultural_101.pdf)>. Acessado em: 18 de dezembro de 2010.

MIRANDA, Antonio. *Conteúdos e identidade cultural na sociedade da informação: visão brasileira. Programa Sociedade da Informação – SOCINFO/MCT*. Disponível em:

<[http://www.antonimiranda.co.br/...informacao/iden\\_SOCINFO.pdf](http://www.antonimiranda.co.br/...informacao/iden_SOCINFO.pdf)>. Acessado em: 09 de julho de 2010.

MONTEIRO, Lei nº. 1.438/2005 de 22 de dezembro de 2005,

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. – São Paulo. Contexto, 2006. p. 128-148.

PARAFITA, Alexandre. *Histórias de arte e manhas*. Texto Editores, Lisboa, 2005.

PATRIMÔNIO IMATERIAL. *O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.

PELEGRINI, Sandra C. A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasilienses, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 2. ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. *Vitória no começo do século XX: modernidade e modernização na construção da capital capixaba*. Revista de História. João Pessoa, 2006. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br>. Acessado em: 05 de junho de 2011.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regia; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 49-58.

SILVA, Carolino Francisco Lomonaco Sucupira. *Pinhal e os grandes momentos da arquitetura paulista*. A cidade. Espírito Santo do Pinhal. Edição 845, 05 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.acidadepinhal.com.br/constantessanteriores/845/cardeais.htm>>. Acessado em: 03 de março de 2011.

SOUZA, A. A C. Mendonça de, & SOUZA, J.C. *O Patrimônio Arqueológico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1981.

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NA PARAÍBA. Divisão técnica: *Relatório descritivo – fotográfico de inspeção técnica – Monteiro - Pb*. João Pessoa, 2010. Relatório digitado.

ZANIRATO, Silvia Helena & RIBEIRO, Wagner Costa. *Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável*. Revista Brasileira de História vol.26 n.51 São Paulo Jan. 2006.

## **ANEXOS**

Anexo 1: cartaz de evento cultural em Monteiro, arquivo da Secretaria de Cultura.

# dia de arte e cultura

11 de fevereiro de 2006  
das 8h às 23h  
No Arraial Zé Marcolino

**em monteiro**

**ATRAÇÕES**

- esporte** { capoeira e karatê
- artes** { exposição de artes plásticas, comidas típicas e artesanato
- oficinas de dança e teatro**
- programa de rádio** { programa Artista na Feira, na Rádio Santa Maria, com declamadores, violeiros, sanfoneiros, cantadores, abaloadores etc
- apresentações do grupo escolart e do coco quitéria noberto**
- shows** { a pileira Zabé da Loca e, logo após, Totonho e os Cabra
- grito de carnaval** { com a Orquestra Montelense de Carnaval

**APÓIO**

**SEBRAE** Parceria dos brasileiros  
**Ministério do Turismo**  
**BRASIL** GOVERNO FEDERAL  
**MONTEIRO** Respeito por voar  
Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo

Tobé da loca

Anexo 2: Festa de São João em Monteiro, arquivo da prefeitura municipal.



Anexo 3: questionário realizado com a população monteirense.

Questionário:

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- O/A senhor(a) nasceu na cidade de Monteiro?

Sim     Não

3- Há quanto tempo o/a senhora mora na cidade de Monteiro?

4- O/A senhor(a) tem acesso a televisão, revistas, jornais ou internet?

5- O/A senhor(a) tem acompanhado as notícias a respeito da cidade de Monteiro em algum dos veículos citados a cima?

6- O senhor(a) sabia que ultimamente a cidade de Monteiro vem ganhando muito destaque na mídia (revistas, televisão, jornais e internet) devido, em grande parte, ao patrimônio cultural do município?

7- Em sua opinião, a cidade de Monteiro pode ser considerada uma cidade possuidora de um rico patrimônio cultural?

Sim     Não

8- Para o/a senhor(a), qual personalidade ou grupo cultural melhor retrata a cultura monteirense?

9- Em sua opinião a cultura monteirense é valorizada pela sua gente?

Sim     Não

10- Você se definiria como uma pessoa conhecedora da cultura monteirense e valorizador desta?

Sim     Não

11- quais dos itens abaixo você reconhece como integrantes do panorama cultural monteirense?

grupos de dança popular

casarios antigos

bandas de pífano

bandas de forró

poetas e repentistas

literatura de cordel

música

artesanato

festas típicas e tradicionais

---

Assinatura

Anexo 4: questionário realizado com os grupos de cultura do município.

Questionário: grupos de cultura

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Qual o nome do grupo que o senhor(a) faz parte?

3- Quem foi o fundador do grupo?

4- Há quanto tempo o grupo existe?

5- Por quantas formações o grupo já passou?

6- O senhor(a) sempre fez parte do grupo desde a formação?

7- Há quantos anos o senhor(a) participa do grupo?

8- O grupo sempre participa de eventos na cidade ou em outras cidades?

9- Quais as cidades que o grupo já se apresentou?

10- Quando se apresentam nestes eventos, o senhor(a) sente que o grupo é bem recebido pelo público?

11- O senhor(a) sabia que ultimamente a cidade de Monteiro vem ganhando muito destaque na mídia, como em revistas, televisão, jornais e internet, devido ao patrimônio cultural do município?

12- O/A senhor(a), por participar de um grupo de cultura popular, se sente pertencente a esse patrimônio cultural da cidade?

13- Em sua opinião Monteiro realmente merece esse destaque na mídia como uma cidade rica pela sua cultura?

14- O/A senho(a) se sente respeitada e valorizada pela população e as autoridades locais pelo papel que o senhor(a) exerce na cultura monteirense?

15- Vocês recebem algum tipo de apoio financeiro para manterem o grupo?

16- Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar a situação do grupo?

---

Assinatura